

Pórtico Edições

apresenta:

**CONCERTO PARA
PREGO E MARTELO**

**Poesia Reunida
1984-1994**

Goulart Gomes

CONCERTO PARA PREGO E MARTELO

Goulart Gomes

Direitos autorais do autor

Pórtico Edições

Caixa Postal 8622

41825-971 Salvador – Bahia - Brasil

1ª. Edição: Fevereiro/2011

Esta obra reúne os livros Anda Luz, Todo Desejo, Sob a Pele e A Divina Comédia no Cordel.

www.goulartgomes.com

Introdução

Quase todo escritor sofre da “Síndrome do Texto Antigo”. A questão é que temos uma forte tendência a achar que os nossos textos mais recentes são melhores que os anteriores. Talvez isto se dê pelo fato de que um texto sempre pode ser aprimorado, e cada vez que lemos um de nossos textos antigos sentimos um ímpeto para modificá-lo. Somos levados a acreditar que poderíamos ter feito melhor ou, pelo menos, diferente.

Os textos antigos não publicados, então, tornam-se um grande problema. O que fazer com eles?, perguntamos. Destruí-los para que não sejam publicados nem postumamente? Reescrevê-los? Deletá-los? Publicá-los assim mesmo, como retrato de uma época? Não é muito diferente com os textos que publicamos nos primórdios de nossa jornada literária.

Meu primeiro livro, *Anda Luz*, foi publicado em 1987, quando eu contava com apenas 22 anos de idade. Possivelmente, hoje, eu não escreveria nenhum daqueles poemas, da forma como foram elaborados. Mas, desprezar um livro é como desprezar um filho: um ato desumano. Contudo, republicá-lo, seria impraticável, por questões técnicas e financeiras. O mesmo acontece com os outros livros de poesia que formam essa “trilogia” dos meus primeiros anos como poeta: *Todo Desejo* e *Sob a Pele* e com o cordel *A Divina Comédia*.

Agora, com a possibilidade de publicação destas obras em *e-book*, ou com impressão sob demanda, surge uma

nova perspectiva para retirá-los do “limbo” em que estão. Foi possível reuni-los nesta obra, que compreende um período importante do meu trabalho como escritor, representando um momento de experimentações e definições do rumo literário que eu tomara, a seguir. Por essa importância cronológica, preferi não excluir nenhum poema, mantendo os livros como foram originalmente publicados.

O título **CONCERTO PARA PREGO E MARTELO** já faz uma clara alusão ao meu papel como artífice destes poemas. Se fossem um objeto sólido, quase todos eles sofreriam uma “restauração”. Mas, qualquer mudança em um texto original descaracteriza a obra e a sua significação em relação ao tempo e espaço em que foi escrita. Por isso, todos eles (à exceção de alguns títulos), ficaram exatamente como foram concebidos.

O cordel **A DIVINA COMÉDIA** foi escrito em 1984. Naquela época, tive o prazer de conhecer uma das personalidades mais importantes para a literatura cordel no Brasil, o sr. Rodolfo Coelho Cavalcante, que me estimulou a escrevê-lo, com a promoção de um concurso literário, do qual acabei não participando. É que, por desconhecimento das regras do mesmo, acabei escrevendo um “megacordel”, muito maior que os habitualmente publicados. Em 1988 eu faria a primeira revisão e publicaria o folheto, patrocinado por uma empresa de topografia, com tiragem de 1.000 exemplares, rapidamente esgotados. Em 2001 ele foi convertido para formato PDF e disponibilizado em meu site – www.goulartgomes.com – já com centenas de cópias baixadas.

ANDA LUZ, poesias, só veio mesmo à luz graças à colaboração financeira de vários amigos, que adquiriram exemplares antecipadamente. Graficamente foi um livro muito pobre, à exceção da capa, criada pelo artista plástico e poeta Carlinhos Lopes. Em 1987 os custos de editoração e impressão ainda eram muito altos, o que nos levava a uma série de improvisos. Hoje considero esse livro um “arroubo da juventude”, fruto do desejo de um jovem poeta que queria levar suas criações ao público, de qualquer maneira. O resultado é uma mistura heterogênea de todos os poetas que me influenciaram até então, principalmente Castro Alves e Augusto dos Anjos. Inicialmente eu comecei a produzir poesias de uma forma muito clássica. Até meu nome, na capa do livro, aparece como *Souza Gomes*, algo bem “formal”. Nessa época, foi decisivo o meu encontro com Manoel Messias Santiago, o “Saci”, pai da cantora Mariella Santiago. Foi ele, e a sua poesia, que me chamaram a atenção para as infinitas possibilidades do verso livre, que passei a aprimorar, a partir de então.

Com **TODO DESEJO**, publicado três anos depois, em 1990, já foi bem diferente. Então, eu já tinha acesso a recursos de computação e aprendi a editar o “miolo” e formatar a capa, criada por Sávio Drummond. Foi o período em que comecei a publicar com a João Scortecci Editora, de São Paulo, que oferecia preços e prazos bem melhores que os das gráficas de Salvador, Bahia. Um livro muito pequeno, de apenas 40 páginas (quase um livreto), mas no qual eu já me apresentava como *João Goulart de Souza Gomes*, com um curriculum bastante ampliado. Incluindo as coletâneas, aquele já era o décimo terceiro livro em que eram publicados poemas meus, alguns deles divulgados nos EUA, Espanha, Costa Rica,

Coreia do Sul e França. Era muito para um jovem de apenas 25 anos de idade. Os poemas sensuais, característica predominante da minha primeira fase, predominam, em versos livres.

O mesmo aconteceria com **SOB A PELE**, publicado em 1994, também impresso em São Paulo, praticamente uma continuação do livro anterior. São apenas 25 poesias, nas quais se pode perceber um melhor trabalho com o texto, tanto no que diz respeito à sua construção e conteúdo quanto à sua disposição nas páginas, influência das minhas leituras de e. e. cummings. Então, eu já me considerava um “ás” do Corel Draw (sic) e elaborei uma capa que deixou muito a desejar. Para piorar ainda mais, alguns meses depois foi iniciada a campanha eleitoral e um político utilizou uma imagem muito semelhante em sua campanha, criando uma correlação indesejável.

São todos estes poemas, que compreendem o principal de minha produção poética publicada nos primeiros dez anos de atividades literárias (1984-1994), que estão reunidos nesta obra.

Sumário

LIVRO 1: ANDA LUZ

VALEU, 13

PARTE I: DEUSAS

ELA, 14

KAMIKAZE, 15

RÊU, CONFESSO, 16

NIPÔNICA, 17

ERÓTICA, 18

VIRGINAL, 20

VÊU DE ÍSIS, 21

SEI-O, 22

PRESENTE MAIS-QUE-PERFEITO, 23

MENINA BONITA, 25

NUA, 26

POEMA PRIMEIRO, 28

BELA, 30

EÓLO, 31

CARTA À SAUDADE, 32

CÂNION, 34

ANDA LUZ, 36

ARRÍMICO, 37

PARTE II: GENTES

REVERSOS, 38

O PEREGRINO, 42

O FUTURO QUE NÃO QUEREMOS, 44

VIAGEM, 46

NOTÍCIA DE JORNAL, 47

FUJI-YAMA, 48

GERSÍNIO, 49

ELEGIA AO POETA, 51

COMPOSIÇÃO EM DOIS TEMPOS, 54

CHRISTMAS II, 55
BADAMEIROS II, 56
ANALOGIAS, 57
BANAL, 58
EU E ZOG SLRANT - Primeiro Contato: O Pousa, 60
EU E ZOG SLRANT - Segundo Contato: A Conversa, 61
EU E ZOG SLRANT - Terceiro Contato: O Último, 62

PARTE III: DUENDES

VIAGEM AO INTERIOR DE UMA MENTE ENSANDECIDA, 63
SÓLIDA, 64
MÍTICOS I: CENTAURO, 65
MÍTICOS II: UNICÓRNIO, 66
MÍTICOS III: PÊGASUS, 67
O MAGO, 68
MORRO , 72
AUGUSTO VERME , 74
DESCONEXA, 77
DÉDALO, 79
METAMORPHOSIS, 81
POEMA DE UMA NOITE SEM SONO, 83

LIVRO 2: TODO DESEJO

CANTO PELAS ALMAS CINZENTAS, 87
AEROMOÇA , 89
AMAR A PÁTRIA, 90
BIG BANG, 91
BOSSINHA, 92
BOTAS COSIDAS, 93
CÉU, 94
DAS DORES, 96
FLOR DO SERTÃO, 98
ENSAIO 1, 100
FLOR DO SERTÃO II, 101

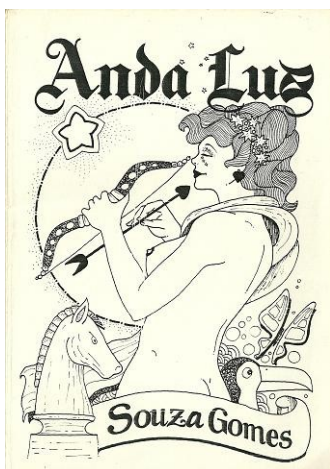
GUDE DE DEUS, 103
ENSAIO 2, 104
METAL, 105
MEU INFERNO, 106
ORIGAMI, 107
POEMA IRMÃO, 108
POEMINHA, 110
QUER VER?, 111
REFLETIR, 113
SHORT EM PERNA DE PAU, 115
SOPA DO TINGUI, 117
TRAPOS, 119
VERSÕES, 121
BESTEIROL, 123

LIVRO 3: SOB A PELE

ENSAIO 5, 127
FLASH, 128
AÍ, 130
AGONIA, 131
A MAIS, 132
CRISTAL, 133
O GATO, 134
AMONTOADO, 136
QUERIA, 138
SEDUÇÃO, 139
MADRIGAL, 140
ONLY A WOMAN, 141
ELEGIA, 142
PRE NUN CIO, 144
CUERPO, 145
BIG BANG II: ASTROS E ESTRELAS, 146
BRANCA, 149
NADA A FAZER, 150

ADN, 151
BEAT(I)TUDE, 152
MOSTRA O SONHO, 157
SONETO IMPRECISO, 158
TORMENTA, 159
ASSIM, 160
SONETO DO AMOR IMPURO, 161

LIVRO 4: A DIVINA COMÉDIA NO CORDEL, 163



ANDA LUZ

**Salvador, Bahia:
Editora Abaeté, 1987**

VALEU

A poesia pode dizer muita coisa
pode não dizer nada,
mas será sempre poesia.

O poeta pode ser um gênio,
pode ser um tolo,
mas será sempre um poeta.

Uma musa pode ser uma bela,
pode ser uma fera,
mas será sempre uma musa.

Um livro pode não ter significado,
pode ter algum significado,
pode significar muito,
mas, por mais que não queiram,
GRAÇAS A DEUS,
será sempre mais um livro...

PARTE I: DEUSAS

ELA

Ela vem e se deita à minha cama
Felinamente desabotoa o meu pijama
Beija minha nuca, arranha meu peito, morde meus
braços
Adentra-se-me como um vírus
Suga, louca, os meus suspiros
Enlaça-me, mata-me de apertos, de prazeres, de abraços

Assanha meus cabelos, em desvairio
Como uma tigresa, uma gata no cio
Seus longos cabelos, seus olhos translúcidos
Seu insinuante corpo dengoso
Mata-me de amores, de dores, de gozos
Momentos eróticos, requebros lúdicos

Tão leve, tão linda, tão luva, tão minha
Comigo, assim, flutuas, sozinha
No meu corpo-nuvem, que também flutua
Sua boca, seus pés, seus dentes, seus seios
Nosso amor, nosso sonho, nosso fim, nossos meios
Você não é nada, e é tudo, assim nua

A janela aberta, o Sol da manhã
O começo do fim, o fim do afã
Só um corpo na cama: Ela já não está
Um vento frio em meu corpo quente
Uma só pergunta em minha mente:
Quando Ela voltará?

KAMIKAZE

teu lótus de prata abriu-se no regato do meu ser
e quando sorristes, um menino bobo sorriu em mim
e o riso louco de um trovador ecoou nos arrozais

RÉU, CONFESSO

Era uma noite comum
Até sentir o seu tato
O seu gostoso contato
Dois corpos fundindo-se em um

O escuro tornou-se claro
Seu corpo, fonte de prazer
Acariciá-la e descer
Sorver seu mel doce-amaro

Desintegrando meu eu
Derramando-me no seu
Gazofiláceo dourado

E olha, por toda a vida
Quero-lhe mais que amiga
Quero ser o seu amado

NIPÔNICA

Meus arrozais já não são tão belos
E a lua sobre o Fiji já não brilha tanto.

Nossos samurais já não são herois
nem tampouco os kamikazes.

Já não tenho a paz do meu nirvana:
Em tudo há a tua ausência, Mariko...

ERÓTICA

- reminiscências -

Ver seu corpo, assim, delicioso
Deixa-me muito mais nervoso
Que a virgem a se entregar
Beijos os seus seios, com carinho
E desço os meus lábios, de mansinho
Até seu sexo contactar

De onde vêm estas luzes ofuscantes
De onde os aromas inebriantes
Que me fazem delirar?
Morri? Acaso estou no céu?
Melhor que néctar, ambrosia, mel
É seu corpo penetrar

Nossos corpos suados, nesta luta
Nada importa, senão a disputa
E o prazer que sabe proporcionar
O mundo acaba, só existe você e eu
E depois, nos "braços de Morfeu"
Dormirás e verei você sonhar

Vem, abraça-me, maldita
Já lhe vejo excitada, aflita
Querendo em meu corpo delirar
Que importa se um dia tudo acabe
O que interessa é que você já sabe
Que o melhor de tudo é amar

Um beijo, mais um beijo, outro ainda
Não aplaca esta ânsia infinda
De querer-lhe devorar
Que digo? Estou louco? Devaneio?
Não, apenas afago o seu seio
Que seios existem para se afagar

Abraços, abraços é que não faltam
Desses corpos que tanto se amassam
Na sanha, a se apertar
Somos dois? Somos um? Já nem sei
A certeza que tenho é que gozei
Cada minuto dessa noite de luar

Enfim, nossos corpos saciados
Após a longa noite, extenuados
Vão juntos se banhar
A água corre nos lavando, lentamente
E todo o meu ser então sente
Vontade de outra vez amar...

VIRGINAL

Tua tez clara, teu porte felino
Feminino, doce... suave
Teu riso angelical, quase divino
Rosa de aromas
Que me deixa menino

Cercas-te de rosas
Quiçá para cheirá-las
Quiçá para humilhá-las
Ou para mostrar
Como uma rosa pode ser mulher
E uma menina

Uma rosa como as outras
Com espinhos: teus olhos que dão e tomam
Que riem, sorriem
Fertilizam e matam
Que acalentam

Uma rosa, um oásis no meu deserto
Um brilho
Um querer...

VÉU DE ÍSIS

Estivestes em meus braços
senti teu cheiro
toquei teus cabelos
rocei teus lábios
e fugistes

Vi-me em teus braços
louco de cansaço
no afã do amor

Mordendo a doce romã da tua boca
afagando as curvas do teu corpo
respirando teus suspiros
sorvendo-te inteira.
Mas fugistes

De tão louco que estava
não ouvi teus passos
não senti tua fuga

Tentei te reter
mas de ti só restou
um tênue véu
e a doce lembrança de um onírico momento

SEI-O

com meus versos rudes e fracos
queria do amor falar
no entanto só sei amar
e meus versos são tão parcos

falar como é lindo o amor
como se é feliz quando se ama
como eu sou tudo em sua cama
como é bom sentir seu calor

como eu rio, choro e grito
neste tremor aflito
neste louco devaneio

como vibro, nesta hora
onde só importa o agora
e a doce carícia no seu seio.

PRESENTE MAIS-QUE-PERFEITO

Virgo
perigo
carnal

Virginal

Roséa
rosácea

Roseiral

Firmo
fogo
figo fugaz

Jamais

Amas?
Desamas

Não mais

Brincas
menina
felina
mulher

Pois é

Tem um q
tem um r
tem um s

Um alfabeto inteiro

É um verbo
que não se conjuga
pois, trãnsfuga
não quer aprendê-lo
Qual será?

Primeira conjugação
Particípio, não gerúndio
Participo
Pra te ensinar

Não ria
não fuja
não me olhes
assim...
Que a vida é uma terna eterna poesia

MENINA BONITA¹

Menina bonita
de sorriso franco
eu quero uma carícia
no teu seio branco
de róseas pontas
toque de veludo
empinados, ousados
eu quero teu tudo

Menina bonita
me faz um gracejo
me manda um abraço
me joga um beijo
menina bonita
felina, esguia
me dá um sorriso
que eu te dou uma poesia

Menina bonita
do colo pequeno
será que é arisco
será que é ameno?
Menina bonita
meu destro, meu estro
sorristes pra outro
finou-se o meu verso

¹ Menção honrosa no I Concurso Augusta Esteves de Poesia Brasileira, Litteris Ed.,
17/9/88

NUA

sempre que lhe encontro
por mais que proteja seu corpo sinuoso
é sempre nua que lhe vejo

sempre que lhe penso
por mais cercada de mistérios que esteja
é sempre nua que lhe imagino

sempre que lhe sonho
por mais entre névoas que venha
adivinho-lhe nua
magnificamente nua
esculturalmente nua
resplandecentemente nua

nua, nua, nua
em toda a brancura do seu corpo
em toda maciez da sua pele
em toda veludez dos seus pelos

nua
como seu sorriso
como seu olhar

nua
no seu rebolar caliente
no tremular traquino
dos seus seios

nua
como devia ser
como devia estar
como Godiva ou Beija
virginalmente nua

nua
não por erotismo
apenas para humilhar
para mostrar toda a sua graça
e como pode ser perfeita
uma mulher

POEMA PRIMEIRO

Ao sentir-la em meus braços
ao sentir o seu corpo
colado ao meu

Ao sentir o aroma
dos seus sedosos cabelos
caídos em mim

Ao sentir sua mão tocando o meu corpo
me fazendo sonhar

Ao ouvir esta música
tocando no ar
ritmando seu ser
me sinto mais leve
por dançar com você

E a música toca
e nós flutuamos
desintegrando o mundo
com o seu bailar

E ao olhar em seus olhos
ao sorrir em seu riso
sinto um doce calafrio
e um louco palpitar

E sua boca, tão próxima
como a implorar um beijo
o nosso beijo
do qual você foge

A música cessa
os corpos separam-se
os olhos despedem-se
e o peito dispara...

Até a próxima dança

BELA

Seu rosto belo
sua pele clara
macia
me faz recordar momentos gostosos
momentos bonitos
como você

Sua juventude
contrastando com a velhice
que habita meu peito
me faz sentir doces palpitações
coisas de adolescente

E nesse romântico devaneio
fico acalentando a vontade de ser
apenas por um momento
por uma breve fração de tempo
um adolescente, como você

E neste hiato de tempo, amá-la
com todo ardor e inexperiência
do mais louco dos adolescentes

EÓLO

Se um dia eu pudesse
ficar junto a ti
sozinhos no mundo
sem quê nem porquê
sem ninguém pra olhar
pegaria tua mão
sentiria o teu corpo
beijaria tua boca
acariciaria-te

Se um dia eu pudesse
isolar-nos do mundo
esquecer compromissos
direitos, deveres
tocaria teu rosto
correria em teu corpo
morreria em teus olhos
amaria-te

Ah! se um dia eu pudesse
se o Destino quisesse
estar a sós contigo
então eu seria
uma brisa, um sopro
percorrendo-te

CARTA À SAUDADE

Quero saber
se o que você sente
é o que eu sinto
Quero saber
se é um carinho, se é um querer
uma admiração
um amor... o que?

Não diga que não
não diga que são
coisas à tôa
Não brinque com o amor
se você não sentiu a dor
dessa coisa tão boa

Sinto vontade
de sempre lhe ver
ter por perto você
contemplar o seu corpo
olhar em seus olhos
poder lhe entender

Desejo rasgar
a seqüência do tempo
e sem contratempo
lhe abraçar com loucura
lhe beijar com ternura
e depois acordar
pra voltar...
nunca mais

Sabe, ser Poeta
é amar o Universo
viver apaixonado
num eterno sonhar
É amar e amar
o que é incomum
utópico, irreal
o que é diferente
sem ser banal

A vida é um jogo
e no jogo da vida
não se tem saída
o jeito é viver

Sabe, saudade
isto são fatos
inobjetivas verdades
que acontecem à tã
sem cumplicidades

Sabe, saudade
é bom lhe sentir
ter você por perto
não ter que mentir
e apesar da distância
ter você
aqui

CÂNION²

Ocultos em tua blusa
Vejo mundos indomáveis
Promessas de coisas loucas
Desejos incofessáveis

Nos picos dos teus montes
Nos montículos dos teus seios
Nos altos montes nevados
Brancura de doce enleio

Escalo com cúpidos olhos
No impossível das mãos
No anseio do desejo
Na loucura dos teus "nãos"

E sinto, a meio, que me perco
Que me perco e não me acho
Não me acho no teu seio
Sei-o bem, acho-me abaixo

Doces montes, suíços alpes
Que se inclinam, a irromper
O teu corpo, tua pele
Altos cumes de prazer

² Primeiro lugar no II Concurso Solano Trindade de Poesias do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, 1988. A segunda estrofe desta poesia foi acrescentada posteriormente.

Na brancura do papel
Vejo pontos que emergem
Em tudo vejo teus seios
Brancois montes que me pedem

E os cânions do teu corpo
Percorro, com o toque da vista
Perdendo-me em teus labirintos
Querendo ser alpinista

Virgens montes, inexplorados
Altos picos, inatingíveis
Rolo por eles, embriagado
Em meus afãs, concupiscíveis

ANDA LUZ

Adorar alguém
é andar à toa
é viver às tontas
acordar assim
a ver navios
amarguradamente apaixonado

Amar, ainda
é fazer do A
a letra por excelência
a letra da decadência
prima letra, letra A
Aonde anda Anda Luz
a luz que anda?
Anda, ainda
e ilumina
não fingindo ser menina
não querendo ser mulher

Anda, luz
que eu já te alcanço
e deitado no balanço
ao embalar do teu colo
embolo-me em tua balada
e te faço minha deusa
minha musa
minha fada
Anda, luz
luz que anda
clareia, sorri, desanda
acorda... e ama

ARRÍMICO

Você representou para mim
tanto de bom, tanto de ruim
que nem sei dizer
se sinto falta de você
se saudade é assim

Seu sorriso me acalmava nas horas difíceis
seu olhar despertava coisas impossíveis
e ver seu corpo, simplesmente
fazia-me louco, adolescente
sentindo desejos, amores risíveis

Com você aprendi a não ser poeta
aprendi que a vida é bem indireta
a não ser sincero
ser apenas um mero
cínico, hipócrita, falso profeta

Com você morreu um menino
e seguiu seu destino
um homem, um mar
que aprendeu a acertar
e a acreditar
que o amor não é mais
que uma doce ilusão dos sentidos

PARTE II: GENTES

REVERSOS

Silvano acordou às dez
Pôs no carpete os pés
Abotoou o pijama
O quarto, uma suíte
Projetada por Smith
Arquiteto do Alabama

Zé acordou às quatro
Calçou logo o sapato
Fez o sinal da cruz
O quarto, um pardieiro
Feito pelo carpinteiro
Otaviano da Luz

Silvano acordou irritado
Não havia se acostumado
Com o novo colchão inglês
Foi ao quarto da mulher
Chamá-la para o café
Como todo bom burguês

A mulher do Zé, Conceição
Já estava no fogão
Remexendo num tacho
Passou margarina no pão
O maldito caiu no chão
Com a margarina pra baixo

Silvano, sentado à mesa
Com a Madame Tereza
O seu break-fast comia:
Sucos, cremes e patês
Biscoitos, pãezinhos, pavês
Com toda a mordomia

"Diacho!", gritou a Ceição
Zé falou: "- Tem nada não
Assim dá mais sustança"
Foi ver a filharada
Que dormia enrolada
Beijou cada criança

Silvano, com cara de sono
Mandou chamar o mordomo
Pra chamar o garagista
Pra pegar o Mercedinho
Chamar o Seu Quinzinho
O velho motorista

Zé, com a marmitta abraçado
Ia lá dependurado
Dentro do lotação
Rodou uma hora em pé
No aperto, o pobre do Zé
Pra chegar na construção

Silvano, rico industrial
Teve um dia infernal
De trabalho duro, penoso:
Reuniões com banqueiros
Negócios no estrangeiro
Trabalho pouco rendoso

Zé suou a camisa
Carregou cimento, brita
Pintou, varreu chão
Comeu sua bóia-fria
Sentiu mal-estar, azia
Pra garantir o seu pão

Seis da tarde, Silvano
Já estava ao piano
Na sua bela mansão
Tomando uísque escocês
Degustando um caviar francês
Ou, quiçá, comendo faisão

Zé quando foi embora
Já iam dar dez horas:
Hora extra pra interar
Se foi com a peãozada
No caminho, uma parada
No bar, pra reanimar

"- Êta cachacinha, boa!"

Dona Tereza (que artista!)
Disse que foi ao dentista
Silvano coçou a testa

Mas, em nome da elegância
Ao fato não deu importância
Rico, a briga, detesta

O Zé logo que chegou
Pegou seu prato, jantou
Um arroz com feijão
A nêga, durante o dia
Dava duro na pia
E no ferro de carvão

Dr. Silvano e senhora
Viram filmes até zero hora
E depois foram dormir
Ou melhor, ficar acordados
Cada qual com seus pecados
E a consciência a zunir

O Zé pegou a Ceição
Atirou-a no colchão
E foi o maior fuzuê
E os dois, enquanto se amavam
Uma coisa só, pensavam:
"Isso é que é viver!"

E foram felizes para sempre...

O PEREGRINO

quem sabe por quantos sítios já andei
e quantas pedras já pisei
quem poderá dizer?

quantas chuvas já encharcaram minhas roupas,
quantas lágrimas já lavaram o meu rosto
quantas gotas de suor já percorreram
as linhas do meu corpo,
quem poderá saber?

todos os caminhos
todas as árvores
todos os céus
todos os deuses
podem contar minha estória
mas minhas histórias
só eu saberei contar

e quando me perguntarem
o que há
por lá
por onde andei
simplesmente direi
que não sei
que não vi
pois o que senti
não saberei descrever,
além do que é preciso ver
viver
para crer

andar é preciso
impreciso é correr
ou rastejar
e no nosso caminhar-solidão
é bonito ver
que temos as nuvens e as cercas
como onipresentes companheiras

O FUTURO QUE NÃO QUEREMOS³ **- Tristes lembranças do século 20 -**

Quem procurou saber
dos porquês?
Quem procurou ouvir
os o quês?

Como é fácil estar surdo!

Quem levantou uma bandeira verde
ou mesmo branca, amarelecida pela falta de uso
pela Natureza?

Ninguém assumiu seu lado ecologista.
Egoístas!
E ser soldado do Green Peace
era tolice.

E o que você fazia
quando matavam as baleias
quando queimavam as florestas
quando poluíam os rios
e enchiam as nossas terras de lixo atômico
e nossos céus daquela fumaça cinzenta?

Sentávamos às nossas mesas
redondas
e dizíamos

³ 5º. Lugar no Concurso de Criatividade PETROBRAS/RPBA/CIPA/DINOR, 1986

“- Temos que fazer alguma coisa”

E só.

E hoje, à nossa volta, só há a destruição

e no meio de tudo

o que restou do que um dia foi

o Homem

VIAGEM

Pagou a conta da padaria
Passeou um pouco pelas ruas
Leu revistas de "mulher nua"
Ensaiou uma última poesia

Devolveu uns livros à biblioteca
Pagando uma taxa pelo atraso
Soberbamente fez pouco caso
Da última prestação da hipoteca

Escovou os dentes com esmero
Tomou um banho caprichado
Comeu um bife mal-passado
Contou seu resto de dinheiro

Jogou o lixo pela janela
Guardou, no bolso, um retrato
Um bilhete mal dobrado
Lavou todas as panelas

Pensou no pai e no filho
Ignorando o Espírito Santo
Acocorou-se a um canto
E apertou o gatilho

Um jornal publicou o fato
Você, boquiaberto, o leu
Ontem, e hoje esqueceu.
Está tudo consumado.

NOTÍCIA DE JORNAL

Faleceu na manhã de hoje
No Pronto Socorro de Salvador
O sr. Justiniano da Silva
Baiano, casado, soldador

Vítima de um assalto brutal
Em um bairro da periferia
Deixa mulher e três filhos
Contas no açougue e padaria

Voltando do trabalho para casa
Foi abordado pelos marginais
Que o espancaram violentamente
Arrancando seus órgãos genitais

Após a bárbara curra
Foi levado para um matagal
Amarrado com alguns cipós
Amordaçado como um animal

Lá ficando por longas horas
Sangrando horrivelmente
Ao longo de toda a noite
Sendo encontrado casualmente

Imediatamente socorrido
Foi levado para o hospital
Sucumbiu no anonimato
Ressuscitou manchete de jornal

FUJI-YAMA

alvinitente Fuji, meu nevado gigante nipônico
envolve-me na paz do teu nirvana
antes que o frio dos nossos corações se degelem

GERSÍNIO

O agregado infeliz de sangue e cal
De que Augusto dos Anjos já falava
Quando a sua morte lamentava
Em versos mórbidos, de rima ancestral

O fruto do seu ser, abortado
Da vida, de forma brusca e repentina
Foi mais um fardo a pesar em sua sina
E maior inspiração ao poeta condenado

Ah! se por graça aquele ser
Ao Destino impiedoso prevalecesse
E, por Divina Bênção, sobrevivesse
Fazendo o poeta enternecer

Com certeza outro homem, então, seria
E da dor, da morte, dos cemitérios
Com seus versos lúgubres, funéreos
O grande vate, então, não falaria

E nós, do alto do nosso egoísmo
Indagamos se assim não foi melhor
A alma ao Pai, o pó ao pó
No mais anacrônico dos silogismos

Mas o mundo não perdeu a sua lira
O seu verso, acre como o ódio
e nós, por esse triste episódio
Ardemos, qual Phoenix, em sua pira

E hoje vejo aqui, à minha frente
Um ser, como o que do outro foi tomado
Pelo desejo dos corpos procriado
Reprodução unicelular feita gente

E em uma cosmogonia biogenética
Nesta analogia celular
Vejo-me, em outro, caminhar
Para rever noções, conceitos, éticas

Vejo meus lábios, em outro, balbuciando
Sons ainda guturais, ininteligíveis
Olhos prescrutadores, coercíveis
Como os meus: perdidos ou pensando

Os olhos, estes sim, principalmente
Traem notadamente a paternidade
Pois mesmo já, em tenra idade
Demonstram as sinonímias inerentes

Ah, este ser, que me deve apenas
Uma célula, como as que muito desperdicei
Não me dará nada que lhe dei
Pois usurpador fui, de outro Mecenas

E em mim, assim, luz este brilho
Um reviver de tudo, um recomeçar
A reconjugação do verbo Amar
E o orgulho de chamar-te Filho

ELEGIA AO POETA⁴

a Castro Alves

"A praça, a praça é do povo
Como o céu é do condor"
É um brado, é um brado novo
É um grito, é um clamor
Mas, hoje, a praça inquieta
É tua, é tua, ó Poeta!
Lá do alto, qual um deus
Tu és nosso Prometeu
Nenhum outro, jamais

Vem-me à memória a vida
Os doces momentos de amor
A luta, a glória, a lida
Os sofrimentos, a dor.
Se diviniza padecer
Maior que Zeus hás de ser
Onde estás, Poeta, onde estás?
Vem tanger a tua lira
Com Eugênia estarás?
Com Agnese, Leonídia, Elvira?

Amar, sobretudo amar
Amar com intensidade

⁴ Menção Honrosa no VI Concurso de Poesias de Itaberaba, Bahia, 1987.

É bom viver a sonhar
Sonhar com a Liberdade.
Mas esta com Amor não combina:
Uma começa, outra termina.
Tua dor é nossa dor
Dos corações amputados
Dos infelizes no amor
Dos tristes, amargurados

Um coração transbordante
De Amor e de Emoção
Um homem apaixonante
Quiçá a própria Paixão.
Assim era conhecido
Por amores, por amigos.
Um amor assim tão grande
Ninguém soube receber;
Amor que brota num instante
E noutro faz perecer

Amor, só queria amor
Mas Vênus o perseguiu
Eugênia o desprezou
De Leonídia fugiu.
A primeira não o quis
Com a outra foi infeliz.
Dividido assim ficou:
Amando a Liberdade
Livre para o Amor
Mas, enfim, já era tarde.

O Mal que tomou seu peito
Levou-o por fim à Morte

Se Murri lhe desse o leito
Talvez outra fosse a sorte
Mas a "Mulher Social"
Ignorou o Imortal.
Acaso morto estarás?
Ou descansando, talvez
Mas um dia voltarás
E cantarás, outra vez...

COMPOSIÇÃO EM DOIS TEMPOS

com Josélico Braga

Um ita do norte...
Amanheceu uma glória
Nasceu nos homens a esperança
Nos uivos do vento, a Liberdade

Um parto de luz flechou a aurora
A flor brotou do mar
Aromas silvestres em osmose
no Atlântico
Um ita do norte leva um passageiro diferente

Aporta uma nau nos mares do Sul
Trazendo, em seu bojo, irreal navegante.
Nas ondas do mar
nas gaiotas no céu
na areia da praia
a Natureza lhe fala:
promessas de amor

E uma esperança luz de novo
no âmago do seu ser...

CHRISTMAS II

Chora uma criança, por um mísero brinquedo
Tosse um velho em doidas convulsões
Um aleijado, a esmolar um pão
É noite de Natal

Prostituição e fome irmanadas
Em covis de dor e amarguras
Loucos esfarrapados pelas ruas
É noite de Natal

Sacerdotes afogando-se em vinhos
Pastores regalando-se de perus
O Vaticano refulgindo em ouro
É noite de Natal

Generais ceiando em fartas mesas
Políticos entrepresenteando-se
Bilionários divertindo-se alegremente
Nesta linda noite de Natal

BADAMEIROS II

inspirado em poema de Manoel Messias Santiago

E os badameiros se arrogam
os badameiros se atolam
nestas hímen-cidades
nos becos e nas vielas
nos barrancos, nas favelas
nos lixos desta cidade

E os tatus lhes invejam
pela tamanha perícia
de chafurdar na imundícia
por tamanha habilidade

E o que faz a cidade?
Faz muito: lhes apedrejam
como ao símiles urubus

Que lixo, meu Deus, que vida!
Que vida, Senhor, que lixo!
É ser gente ou ser bicho?
Que manjares, que comidas!

E eles usam nossas sobras
o que já não se quer mais
o que sobrou da Humanidade
do repasto dos chacais

ANALOGIAS⁵

para Jorge Luis Borges

As portas são como as esquinas
e os espelhos

Vocês nunca saberão quem vai encontrar
quando as abrirem
quando as cruzarem
quando as olharem

Mas quando as abrirem
reconhecerão quem bate
E quando as cruzarem
identificarão quem anda
Mas quando se olharem
nem sempre saberão quem olha

⁵ Publicado, também, na Antologia International Poetry Yearbook, 1988, EUA

BANAL

Peregrino sedentário
percorri caminhos labirínticos, confusos
que não levavam senão ao ponto de partida

Caminhei seguidamente, depois, em linha reta
por uma estrada de terra
desta mesma terra de que sou formado
e que me tomará,
com o Sol no meu rosto
sem achar uma sombra

Vaguei pelos desertos e não encontrei
o Pequeno Príncipe, nem Exupéry

Rolei pelas neves alpinas
cavalguei pelas estepes
naveguei rios e mares
sem te encontrar

Você não estava em lugar nenhum
nem em ninguém

Quem saberia, à minha volta?
E assim fui ficando com tudo que me cercava,
guardando

Fiquei cheio de coisas e acabei sendo, também eu
uma coisa...
vazia
E perdi tudo. E me perdi, e me encontrei

E aí, e só aí, lhe encontrei.
Nunca pensei que fosse tão fácil
e tão difícil ao mesmo tempo

Tanto corri atrás de você, sem nunca lhe alcançar
e quando desisti de lhe buscar
você veio a mim!

E é tudo tão simples, banal, mesmo.
Tive tudo e não tive nada
nada tenho e tenho tudo
tenho você, meu tudo

Nem precisava ir tão longe
nem precisava falar tanto de você

Cada um que lhe ache, ao seu modo
Nunca imaginei que você estava escondidinha
dentro de mim

Ouviu, Felicidade?

EU E ZOG SLRANT **Primeiro Contato: O Pouso**

Quando o disco pousou no meu quintal
Eu até que não dei muita importância
Mas, devido a tão curta distância
Fui averiguar a nave espacial

É claro que levantei meio irritado
Com aquela zoada infernal
Mas, como tudo é natural
Resolvi manter-me controlado

Era um disco meio patético
Que estava mais para trio elétrico
Que pra nave extraterrena

Nada além do que eu já vi
Em jornal, livro e gibi:
Homens verdes com antenas

EU E ZOG SLRANT **Segundo Contato: A Conversa**

O ET me contou que esta missão
Era só mais uma de rotina
Mas como acabou a gasolina
Ele resolveu por a nave no chão

Me falou que estava insatisfeito
De andar viajando por aí
Fotografando do Japão ao Haiti
Sem nem poder almoçar direito

Reclamou que ganhava mal
Que não curtiu o carnaval
Que fez até fantasia

Há anos-luz não via a família
Já tinha lhe nascido uma filha
Que nem o nome ele sabia

EU E ZOG SLRANT **Terceiro Contato: O Último**

Zog Slrant, o não-identificado
Disse que nunca saiu na Veja
Que nunca tomou cerveja
Até ficar embriagado

Que queria era beber
Mas que nunca achava tempo
Era apenas um sargento
Cumpridor do seu dever

Eu, com pena do ET
Chamei-o para beber:
— Vamo tomá uma, Zog Slrant

Mas não aguentou a primeira
Derreteu numa tremedeira:
O ET era um mutante

PARTE III: DUENDES

VIAGEM AO INTERIOR DE UMA MENTE ENSANDECIDA

um ser bate-se com outro, luta interior
a voz que clama no deserto perde-se na imensidão
duas aves... um falcão
um coração que ri, outro que chora: desagregação
um riso não convence, não importa. Morre a saudade
uma mata, um cabelo, uma selva, um inseto.
Outro riso.
Paternidade: ignorada; maternidade: confusa. Libido
um tapa estala, um quebrar de ossos
um dragão, uma mão
um carro, um cão. Um cãochorro passou correndo.
Raquete quebrada, pilão arcado, onanismo.
Sonho inteligência, visão noturna.
Um pio. A coruja também ri.
Uma serpente em meu pescoço,
sinto seu hálito mortal.
Emmanuel falou para Artur que falou pro Fred,
que enlouqueceu
loucura total. Cresceu, cresceu e acabou.
A espiral respira: inspira, expira e eu
busco inspiração
sei não
amar a si como a ti próprio
até à próxima alucinação

SÓLIDA

Poemas talhados na pedra - rochazes poemas

Poemas lançados ao vento - fugazes poemas.

Assim se define o abstrato da matéria

Com palavras se esculpe a substância etérea...

MÍTICOS I: CENTAURO⁶

Quatro cascos de bronze ferem a Terra
Quatro patas fortes abrem passagem
Na fúria incontida do selvagem
Senhor dos Campos, da Espada, da Guerra

Um semideus, imortal, a correr
Pelos campos, vales, montes, campinas
Matando cruel, com mãos assassinas
Na ânsia louca de mostrar seu poder

Nas veias corre-lhe o sangue animal
Numa homogeneidade sobrenatural
Que incapacita alguém de domá-lo

Vive assim, em completa liberdade
Ser onírico, transposto à realidade
Centauro, o homem-cavalo!

⁶ A série "Míticos" era originalmente intitulada "Quimeras".

MÍTICOS II: UNICÓRNIO

Um único corno, belo, de prata
Brotá-lhe da testa espaçosa
Numa conjugação harmoniosa
Com o rabo, crina e patas

Equino de forma surreal
Imenso, tanto quanto sua beleza
Indomável fera sudanesa
Que tange às raias do irreal

Habitante de matas inexploradas
Dono de rios, montanhas e cascatas
Ser de origem enigmática

Indo e vindo qual aparição
Mais rápido que um tufão
Unicórnio, fera mágica

MÍTICOS III: PÉGASUS

Um par de asas corta os céus
Num vôo leve e maravilhoso
Um animal belo, orgulhoso
Oculto por misterioso véu

Os habitantes do céu jamais viram
Outra coisa semelhante àquela
Um cavalo com asas brancas e amarelas
Um corcel lindo, um garanhão

Planando no céu, qual um condor
em malabarismos de raro esplendor
Por nenhuma ave jamais tentados

Solitário Senhor das Alturas
Flutuando na atmosfera pura
Pégasus, o cavalo alado

O MAGO

O Grande Alegre Mago da Alegria
Sagrado assim por todos os convivas
Por sua vida saudável, ativa
Ainda que o fosse, não seria
Pois que consigo mesmo ele pensava
Com mente fria e calculista abalisava
O "porquê" do porque da necessidade
Dos assistentes, em todas as idades
Encontrarem um Mago que os faça
Por um mínimo tempo, por instantes
Inconscientes rirem da sua desgraça
Em cousas vãs, deveras hilariantes

O Alegre Grande Mago da Alegria
Assim sagrado por todos os convivas
Por sua saudável vida, ativa
Que o fosse, ainda não seria
Pois, mesmo que, consigo ele pensava
Com fria e calculista mente abalisava
Do porque, o "porquê" da necessidade
Em todos - dos assistentes - as idades
Um Mago, encontrarem, que os faça
Por um tempo mínimo, por instantes
Rirem inconscientes da sua desgraça
Em vãs cousas, deveras hilariantes

O homem do futuro impregnado
De aterrate, contínua apatia
Circundava sempre um Grande Mago
Para compartilhar da sua picardia
Substituídos por milhões de computadores

Os que outrora foram trabalhadores
Hoje eram apenas elementos
Privados de imaginação e pensamentos
Que uns poucos séculos atrás
Elevaram, então, a Humanidade
Instaurando em definitivo a paz
Que duraria por toda a Eternidade

Os Homens assim privados
De todo e qualquer problema
Lançaram-se em apatia plena
Deixaram-se ser computados.
A princípio foi excelente
Aquele *dolce farniente*,
Mas aquela inatividade
Nos campos, pelas cidades
Fez com que logo cansassem
E olhando ao seu redor
Em vão, então, procurassem
O Objetivo Maior

O mundo, em peso, possuía
Todo conforto material
Tudo a nível pessoal
Que a qualquer um agradaria
Mas não se era feliz
Um palmo além do nariz
O Homem não enxergava
Pois a infelicidade não estava
No mundo em que vivia
Mas no seu interior
Na morte da Alegria
Na ignorância do Amor

Por isso todos cercavam
O Mago, qual vaga-lumes
À luz e abelhas, perfumes
Que as flores exalavam
Seu néctar queriam sorver
Na vã tentativa de esquecer
A dor que os compungia
A amnésia da alegria
Mas os sorrisos do Mago
Não eram das anedotas
Mas sim dos abobalhados
Seus ouvintes idiotas

O que ele ironizava
Era a vida que levavam
Mas eles tão surdos estavam
Que nenhum deles notava
O sentido verdadeiro
Que o nada é carcereiro
Aprisiona o Ser
Destruindo-lhe o Saber.
O Mago, que nunca o era,
Olhava-os com ironia
E continuava à espera
Que acordassem um dia

O Grande Alegre Mago da Alegria
Com todos os patifes ironizava
Suas mentes grosseiras, satirizava
Críticas em forma de alegoria
Pois que, consigo mesmo, ele pensava
Que mentes assim, tão inferiores
Dominadas por mil computadores
Aos quais ele profundamente abominava

Só mereciam ser processadas
Em uma daquelas máquinas, inseridas
Numa reprogramação alteradas
E assim (quem sabe?) haveria de novo
VIDA

MORRO

a Castro Alves

A Morte ronda o meu leito
Aguarda o momento adequado
Em que o mal que habita meu peito
Não possa ser controlado
A Morte ronda o meu leito

A Morte ronda o meu leito
Sei que ela tenciona
Ver o meu estro desfeito
E meu organismo em coma
A Morte ronda o meu leito

A Morte ronda o meu leito
Chega a hora da partida
Censures o meu defeito:
Morrendo, amar a vida
A Morte ronda o meu leito

A Morte ronda o meu leito
O Amor não me ressuscita
As drogas não fazem efeito
Chora minha mãe, aflita
A Morte ronda o meu leito

A Morte já me arrebatava
Eu sinto seu beijo frio
Um beijo que gela e mata
E leva ao seu reino sombrio

A Morte já me arrebatava

A Morte já me arrebatava
Sinto ter pouco vivido
A Vida já me escapa
Pelo pulmão corroído
A Morte já me arrebatava

A Morte já me arrebatava
Temia este momento
Minh`alma por aí jogada
Minhas cinzas pelos ventos
A Morte já me arrebatava

.....

A Morte ronda o meu leito
Minha vida acabada
A Morte já me arrebatava
E o sangue a jorrar do peito

AUGUSTO VERME

No interior da mente insodável
Qual ascaris peçonhenta, penetro
E no seu bojo negro, infecto
Sinto-lhe a sacritude, intocável

Mãe de mil seres noctívagos
Senhora da ânsia obscura
Dos seres que na noite escura
Levam-se por pensamentos vagos

Numa destas noites, aberrantes
Em que as ruas parecem cemitérios
Restos de um longínquo pretérito
Tragandos os seres impensantes

Levava meu corpo esquelético
A divagar, qual alma maldita
A pensar nas dores desta vida
Dando vazão ao meu lado cético

Quando algo, saindo daquela treva
Surgiu à minha frente, assustando-me
Com seus tétricos olhos fitando-me
E com voz primeva me revela:

"Você que penetra neste mundo, inerme
Ignorando o que vai encontrar
Não creia que seu saber vai lhe salvar
De se transformar em pútrido verme

Pois a todo aquele que busca a Verdade
É destinada a loucura insana
E o nauseabundo odor que emana
Desta cariada, nojenta, insanidade

A Terra é uma pústula viva
A Humanidade, pólipó nojento
Você, amorfo tangido pelo vento
Agonizando pela dor que criva

Arrasta seu pobre soma pelo mundo
Digladiando-se em mil filosofias
Temendo que chegue logo o dia
Que desças à cova, ao chão imundo

Mas vem, penetra neste inferno
Venha ver qual é o vil destino
de homem, mulher, velho ou menino
destino imutável, sempiterno

Num verme é onde tudo termina
Isto já mostrava Shakespeare
Pois tudo que vibra deixa de existir
E tudo que pulsa, se elimina

Vai Irmão, segue sua busca
Mas já sabendo qual o final
Ao ver as larvas, no germinal
Engula tua saliva, não a cuspa

Os vermes que tudo devoram, tudo comem
Que só se deixar ver por aparelhos óticos
Contém, estes seres microscópicos
As carnes que já foram de um homem!"

Se, desde antes, ignorava a alegria
A Sombra, com seu sarcástico realismo
Lançou-me no mais profundo dos abismos
E me deixou a prantear, na noite fria...

DESCONEXA

O que haverá no olho da águia?
Uma lembrança, talvez
Uma mágoa.
O que diz um vôo,
um bater de asas?
De onde venho, para onde vou?

Uma pedra no caminho
Uma fera no encalço
Um percalço
Calço um pé, outro descalço

A terra molhada
a terra fecunda
Afunda pé, no molho da terra
Aterra o pé no fundo da cova

Onde começa a "Vida Nova"?

Homens que foram
Homens que são
E homens que serão

Tudo é um sim, o Nada é um não
Só resta um talvez.

É minha vez
de gritar que morri
de dizer que já fui
de mostrar o que sou

E o que sou?

Estou, mas não o que quero
Ir, mas nunca chegar
Gozar, da dor de partir

Beijar
a poeira da estrada
estraga
a fé e o pulmão
mas não
posso mais me queixar
de andar
sem ter direção

O rei manda
o povo obedece
e padece
E o poeta, poeta

O rei ri
o povo chora
e caminha o profeta

O rio corre pro mar
o Homem corre pra Deus
A sangrar, a sangrar, a sangrar

DÉDALO

O Universo... a morte... o verme
A noite... um cemitério... a dor
São também elementos poéticos,
Como a Natureza e o Amor.

A poesia é infinito-abrangente
É literariamente a máxima expressão
Mas limitaram-na – pobres poetas –
Às lágrimas e risos da Paixão.

Abundam relatos de manhãs oníricas,
Delirantes noites de prazer,
Desilusões, amores inesquecíveis,
Sentimentos de enternecer:

Um flutuou em nuvens, pelo espaço,
Outro navegou por mares celestiais,
Galopes pelos prados da ilusão
Visões em planetas irreais.

Cantam às emoções passageiras,
A momentos efêmeros, fugazes,
Delineiam horizontes intocáveis,
Vislumbram silhuetas entre gases.

Mas eu vou além, muito além... vejo o futuro
Não detenho-me em pretéritos imperfeitos,
Não “particípio” de gerúndios do presente
Conjugo nas pessoas qualidades e defeitos.

Numa análise augustoanjiana
De tudo que se passa à nossa volta,
Posso apenas sentir náuseas e revoltas
Numa fleuma pneumobronquiiana

Espasmódicas convulsões epiléticas
Agitam-me num doido estertor,
E por vezes me lançam em torpor
De causa e consequências hipotéticas

A foice afiada do Tempo prova
Que a ele não sobrevivem nem amores
Que aos maus, aos poetas e aos “senhores”
Está destinada a mesma fria cova.

METAMORPHOSIS

O grito do chagal ecoa pelos ares
o grito do homem se perde no concreto
o brado animal, felino, do gato doméstico
do homem incriado
anuncia uma nova era
de selvageria incontida
de instintos domados

E aquele galope verde
nos prados corcéis
retornará

A fêmea no cio
também o garanhão
se amarão no asfalto

E os potros brotarão do ventre da terra
do útero da terra
do ovário da terra
pela vagina de terra

E tudo que é irreal não o será
e tudo que é incompreensível o será

E um louco será O Poeta
e os poetas morrerão
como crucificado foi O Maior

E eles gritarão:
onde estão os profetas
os alquimistas, os ocultistas

os Donos do Amanhã?

E eu morrerei
e Phoenix retornarei
como cavalo
alado
como Pégasus
em toda a minha imponência
e perguntarei:

- Onde estão os que riram de mim?
E os esmagarei com as minhas patas
Homem, cavalo

POEMA DE UMA NOITE SEM SONO

A Vida não é uma sucessão
de sábados e domingos
de supers, cines
fantásticos programas

A Vida não é uma repetição
de lisuras, de favores
de tolerâncias e desamores

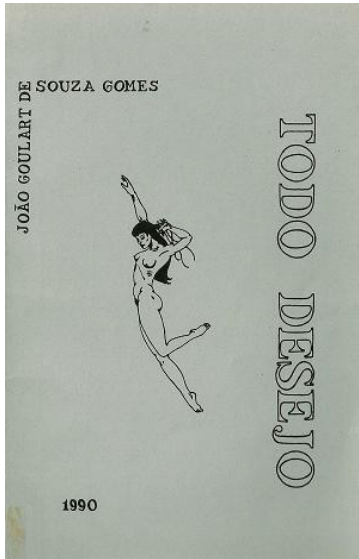
A Vida não é lhe ouvir em intervalos
lhe ver em oportunidades
lhe sentir casualmente
em momentos insones

A Vida não é este medo constante
essa dúvida impertinente
do amanhã

A Vida não é cercar-se de não-vida
mas procurar nela solver-se
dela cercar-se
no intra e extra-mundo
de outras sucessões

No viver de um Poeta
não há lugar para o real
para a dura vida dos homens duros
antes
tudo não deve passar
de uma doce ilusão

Concerto para Prego e Martelo (1984-1994)



TODO DESEJO

**São Paulo, SP:
João Scortecci Editora, 1990**

CANTO PELAS ALMAS CINZENTAS

Cantemos por todas as guerras
por todas as feras
por todos os homens.

Pelos aitolás e husseins
por todos os kadafis
por todos os politburos
por todas as casas
brancas ou rosadas.
Façamos chegar nossas vozes
nossos prantos
pelas crianças que se perderam nos caminhos
dos desertos,
cantemos pelos oásis
que não chegaram;
pelas mães que padeceram
sem alcançarem os paraísos;
pelos homens que se foram pela paz.

Elevemos nossas vozes
para que elas afundem os navios
e façam calar os sons estridentes
dos metais incandescentes.
Cantemos um canto indecente
para esconder nossas vergonhas,
cantemos um canto-tanque
mais forte que as correntes
mais leve que os aviões.

Vamos cantar, de braços abertos
em cada praça de paz celestial,
vamos cantar pelo napalm,
pela menina nua que ainda chora na foto:
o tempo parou no Vietnã.

Por favor, cantem!,
pela bandeira fincada na Lua
e pela de Iwo Jima,
pelos cogumelos vaporosos
pelo Armagedon
pela dureza dos nossos róchecos corações
e pela sutileza das nossas vontades.

Apaguemos as pegadas das botas
os emblemas das testas
as divisas dos ombros:
não existem guerras santas.

Vamos abafar as vozes metálicas
das armas,
as vozes microfônicas
dos cegos de alma
e no Universo, sonar, uníssonos
o nosso canto de amor
à Paz.

AEROMOÇA

Aeromoça
moça aérea
se era moça ou não era
não cabe a nós
cabe à megera

Era ou não hera?
Helena, heroína
nunca foi moça
antes, menina

Menina-moça
aeromoça
moça-menina
é ou não é?

Nunca tive medo de avião
quero mais te decolar
colar meu rosto em teu decote
corte ou não corte
vá ou não vá

AMAR A PÁTRIA⁷

É tempo de guerra!

A Pátria convoca seus filhos-amados,
já não bastam seu sangue e suor:
são necessárias suas vidas
para que o Estado continue a existir.
As mães dão seus filhos; as mulheres, seus maridos,
os filhos dão seus pais, todos dão seus corpos
tombam sem vida, pela vida de todos.

Sara, a prostituta
vê todos os homens partirem
todos os filhos, todos os maridos
que faziam do seu corpo um campo de batalha
e também ela chora, pois todos são
seus maridos e filhos.

Ao invés de chapéus,
agora existem capacetes;
no lugar de pijamas, uniformes
e notas substituem os chinelos.
E ela, quem mais ama,
já não se vende, se dá
que nem só de pão vive um soldado,
um último beijo antes da bala.
Sara, assim, se entrega.
É seu modo de amar a Pátria.

⁷ Destaque especial no IX Conc. Nac. de Poesias da Revista Brasília, 1988.

BIG BANG

desagregação de átomos:
não serei mais que uma sombra em tua retina
um aglomerado de correlações sólidas
co'naturezas mortas
aquela palavra
o outro objeto
que nada seria se não houvéssemos nós

registros akásikos perdidos no éter
invocados por terna psicometria

estarei presente
decomposto em mônadas, moléculas
íon vibrando
memória eterna vagando a esmo
pássaro pálido em tuas mãos

BOSSINHA

Musa, quando a conheci
não sonhava ser assim
não sabia que você
era tão minha

Musa, quando eu lhe vi
não pensei que, enfim
por um beijo ia sofrer
minha musinha

Cara clara de coral
minha musa de cristal
meu pequeno querubim

Eu lhe faço uma canção
eu lhe dou meu coração
se você olhar pra mim

BOTAS COSIDAS

Joaquim, o velho sapateiro
olhando as tropas que passam
sente em cada marcha
a força e orgulho dos jovens que vão
defender sua mãe,
a pátria.

Ah! o velho Joaquim
pensando com seus botões
relembra os tempos idos
quando ainda era jovem
tempos de outras guerras.
E ele lança sua bênção
desejando-lhes boa sorte
ou, ainda, uma rápida morte
sem vela, flor ou caixão.

Melhor sorte que a sua
hoje, só sapateiro
com solas, pregos e colas
e uma perna a lhe faltar.
Mas não há o que lamentar
nada de prantos por uma perna.
Afinal, o que é uma perna
se de muitas outras dispõe a nação?

CÉU

Não há nada mais lindo
que duas coxas brancas
encimadas por um negro delta.
Não há nada mais lindo
que suas sobrancelhas
perfeitamente simétricas
iniciando-te o rosto.
Não há nada mais lindo
que o derramar dos seus cabelos
sobre os seus seios de leite:
doce deleite.
Não há nada mais lindo
que estes olhos
que me vêem por dentro e por fora,
nem do que esta boca
que me dá sempre seu primeiro beijo!
Não há nada como estas mãos
que conhecem cada palmo do meu corpo,
todos os seus comprimentos e diâmetros
e nem existe outro nariz como este
de onde eu me precipito
para o resto do seu ser.
Não há ventre que me acolha
como o seu
nem desejo que eu não sacie
nos seus meios.
Não há outra que me saiba
Não há outra que me caiba
não há beleza maior
que a do seu corpo nu

e a do seu coração aberto
sobre o meu,
sol que morre no horizonte.
Sem você, não há nada.

DAS DORES

eu vejo o passado, sinto o presente, ouço o futuro
e percebo no palpitar do seu seio
no arfar do seu peito
que a vida se derrama
como o leite e o mel da Terra Prometida

caminho em seus passos, percorro os seus caminhos
mulher
e todo o retinir dos meus pensamentos
ressoa seu nome

Hosana nas alturas, Maria, Hosana!

a terra é má, mas o rio é bom...
é pena que em você plantando nem tudo dá

ave, Maria,
os ponteiros das seis horas
são como os seus: apontam opostos
mas não impedem que a lua desponte
sobre o sertão

o “velho chico” dorme em seu leito
os sinos dobram na sua matriz
o estampado aflora nos tecidos das roupas das meninas

mulher rendeira
casa de farinha
aguadeiro
bode assado

Concerto para Prego e Martelo (1984-1994)

feira de sábado
missa de domingo
bola de gude
carro de lata

tudo de
 me fala mais você
nada que

FLOR DO SERTÃO⁸

Bravo é o povo, sofrida é a terra
no árido sertão.
O Sol, inclemente,
arde com toda sua força
e queima, e mata, e seca.
Mas o povo é bravo
e insiste em persistir vivendo
a mostrar que nem só de pão vive o homem
e se junta, e luta
e sobrevive
e conta casos para espantar a fome!

(E surgem os lobisomens, os sacis
e coisas afins.
As moças que morrem donzelas
e tornam-se coisas ruins)

Mas, das lendas
a mais singela
é a da Flor do Sertão
Uma bela flor que brota entre os cactos
os mandacarus
rompendo a terra
sobrevivendo sem chuva e sem sombra.
E ela resiste até ser achada
colhida e cuidada
virar talismã.

⁸ 6º. Lugar no V Concurso Nacional de Poesias “Prêmio Tude Celestino”, Lauro de Freitas, BA, 1988.

A Flor do Sertão é a esperança de vida
é a espera contida de dias melhores.
Não pensem que isto são ilusões.
Eu a vi: é uma mulher
brotada dentre os brutos
corações de mandacarus
de sertanejos bravios.
Ela não reflete o orgulho da rosa
ou a pedância da orquídea
nem a pureza do lírio
ou a agressiva rispidez diplomática do cravo.
Como o sertão, é simples,
forte na adversidade
mas tímida no trato.
Como a lenda é singela
e até passaria despercebida
não fosse o seu jeito diferente de ser.
Ignoro o aroma que dela emana
desconheço a veludez das suas pétalas.
Mas, por ser assim
apenas flor
tenho-a qual fosse minha
e rego-lhe com meu olhar
Flor do Sertão.
Não sei se perfuma
não sei se enfeita
mas, creio, é feita
de pingos de amor.
E por ser assim
assim tão singela
se fazem mais belas
a moça e a flor.

ENSAIO 1

Bruxas dardejam na manhã
urubus observam, das antenas
no alto dos arranha-céus
parabólicos
a luta dos homens bravos
no asfalto:
o perdedor, seu troféu.
E cá, nas cavernas aromatizadas
discutimos, eu e eu
o que há
a fazer.
Mas a luta prossegue
acima dos baixos desejos
o ensejo
é sobreviver

FLOR DO SERTÃO II⁹

Longe a lua é fantasmagórica
a noite é fria
como quente foi o dia.
Insetos penetram
nos sulcos do solo rachado
quebra-cabeças montado
juazeiro, arribaçã
e pedras que ocultam escorpiões.
O vento estala as tábuas do casebre
a rede balança ao sopro da noite
que abala o balde sobre a cisterna

Deito o corpo, cubro os olhos
e evoco a visão.
Sinto o frêmito
e entro em outra dimensão.
Vem-me inteira
corpo e rosto, alma não.
Lindos olhos, nariz raro
alisa meu rosto, roça-me a mão.
Beijo o vago, abraço o nada
demônio, anjo, bruxa e fada.
Eis que chega,
invoco-te: — Vem.

Eva que arranquei de mim

⁹ Premiada em concurso da rádio A Tarde FM 104 e publicada no jornal A Tarde, em 6/5/90.

criei-te vital, do meu princípio
refiz-te assim, do Bem o Mal
pétala a pétala.
É a flor nos teus cabelos
- flor do sertão-
um beijo que vaga
pirilampo na estrada
riacho sem água
desejo e mágoa
amor e paixão.

GUDE DE DEUS

bola do mundo
esfericidade geóide
tuas montanhas furam meus pés
e tua abóbada anil pesa sobre minha cabeça

bola azul
minhas lágrimas são sete mares
e guardo meu peito em teus pólos
entranhas ardentes
pequenina bola cinco, planeta três

bola ousada, de tantas bolas
sólidas, líquidas, gasosas
nave bola de neve rolando via abaixo
láctea
em curvas perfeitas

cadê teu compasso?
bola suspensa na árvore do universo
o espaço é teu espaço

ENSAIO 2

homens brincam de bola
alegria de criança
esperança
enquanto a vida rola

cada lugar tem sua coisa
cada um do que arrepender-se

os velhos são crianças fracas
muito mais espertas
e um deus fala por mim

começo a achar o incerto
a dúvida que alguém perdeu
e, desta feita, brinco de eu

homens brincam de esperança:
alegria de bola
rola
enquanto a vida é criança

METAL

Solta este fogo, Mulher, que habita teu ventre
deixa teu vulcão entrar em erupção
e derramar aquela lava branca, cheirosa
boca rubra e pequena, devez, de menina
em rosto de mulher madura.

Fartos quartos, quantas coxas
em apenas duas!

Um prazer que já foi de outros delírio
seios que se mantêm, ao peso do tempo, lindos.

Mulher bonita
definitivamente mulher
abundantemente.

Estou ébrio de espírito do teu riso de gueixa
vinho de Chronos, taça... pára

Quem estala, trinca e quebra não és tu.

MEU INFERNO¹⁰

quero chegar ao teu lugar nenhum
poder achar nosso lugar comum
prender as brisas, cativar o Sol
abocanhar-te, isca, morrer pelo anzol

percorrer caminhos, desvendar mistérios
andar sozinho nos teus gemisférios
romper barreiras, atingir a Lua
sonhar teus sonhos, tê-la toda nua

ah! Mulher, só tu, para deixar-me assim
degelar começos, ignorar o fim
assumir pecados, irromper fronteiras
ser o gancho, a rede, o chão e a esteira

anda, vem morder a minha maçã
perder-se no ontem, achar o amanhã
cair por terra, rasgar os véus
cruzar infernos e subir aos céus

¹⁰ 2º Lugar no I Festival de Música da Petrobras, Bahia, 1999, interpretada por Cal Ribeiro.

ORIGAMI¹¹

alça em ombro nu
lábios crus
de cosméticos
leite da terra prometida
teus lençóis
mel da terra prometida
sobre eles
sobramos nós

luz de pelos
pelos corpos
emaranhados
indecentes

língua de fogo
tez de cobre
incandescente

e o teu corpo
holograma
se diz dobra
origami
sobre o meu
cama feita
feito rede
sutra kama

¹¹ A música *Origami*, composição e voz de Cal Ribeiro, foi incluída no CD *Qual é da Música*, faixa 3, 2000.

POEMA IRMÃO¹²

Vamos erguer o tronco
meus Irmãos do Campo
arrancar nossas raízes
erguermo-nos sobre os homens
dar-lhes sombra, frutos e grãos
a terra a quem lhe rega a suor
quem da planta dos pés lhe conhece os sulcos
e com as mãos cheias
semeia

Vamos abrir as bocas e tinir as chaves
meus Irmãos das Fábricas
nossas botas e capacetes lembram lutas
onde só nosso sangue correu;
o grito agonizante das sirenes nos diz
que é hora de acordar
e não vender nossas vidas

Vamos construir nosso tempo
meus Irmãos dos Andaimos
temos uma pá de razões
e um caminhão de desesperanças;
não viemos de peito aberto, mas concreto
e se há uma massa a ser misturada
esta massa somos nós

Vamos registrar nosso número

¹² 7º lugar no Conc. Int. Prosa e Verso, SCLB-GO/CPB-GO, 01/03/02

meus Irmãos das Salas
de penas apenadas
e mostrar nosso papel
Queremos as mesas de nossas casas também fartas
arquivar nossas necessidades

Vamos caminhar, meus Irmãos de Trabalho
com nossos próprios passos
e tornar ouvida nossa Vontade;
não mais pedir, mas fazer
não mais oferecer, mas cobrar
o justo preço que tudo tem

Cada homem uma letra, uma semente, um tijolo
no trabalho maior que podemos fazer:
erigir nossos sonhos
darmos os braços
unir nossa voz
para que nossos filhos sejam muito mais
Irmãos!

POEMINHA

Quero fazer uma poesia com a tua cara
e também com o teu corpo
um canto com teu encanto
um verso que te contenha.

Não precisa ser grande, se teu corpo é pequeno
não precisa ser claro como a tua pele
nem precisa ser certo, pois teu sexo não é;
necessariamente túbio
de fundamental timidez
e fugidio como teu olhar.

Preciso é que seja de beleza simples
que confunda mais que explique
que não negue, mas que também não afirme.

Se possível for, uma poesia que me afague
que toque o meu peito com mãos de mulher
que enrede os dedos em meus cabelos
beije meus lábios e deite-se sobre mim;
uma poesia que me entenda
que ame mais o criador que a criatura
não-concreta
tão non-sense que só diga sim.

QUER VER?

maço sem cigarro
garrafa sem cachaça
palhaço sem graça
charuto sem sarro
moqueca sem dendê
inferno sem diabo
caruru sem quiabo
eu sem você

circo sem menino
bordel sem mulher
nervoso sem café
poeta sem tino
espalhar sem ver
mel sem doce
é como se fosse
eu sem você

anjo sem céu
flor sem perfume
mulher sem ciúme
odalisca sem véu
amor sem prazer
pirão sem farinha
agulha sem linha
eu sem você

milho sem palha
domingo sem sol
linha sem anzol
barbeiro sem navalha
fazer sem querer
carro sem roda
noite sem moda
eu sem você

7/6/89

REFLETIR

Olho pela vidraça
e vejo um vulto que retrata
um rosto que não é o meu.
Na noite que há por trás
surge o rosto
parado, extático
que me olha como não fosse eu
que o olhasse, também.
Os olhos são tristes, vagos
a expressão é de vazio.
A noite é fria e triste
os olhos são frios, também

(o vulto olha assustado:
— Quem é aquele, que de mim imita
as formas e os sentidos?)

E, desde já, já me confundo
sem saber se o eu sou
aquele que está na vidraça
ou o outro, que o encarou;
aquele que flutua no ar
do outro lado
separado por intransponível barreira
ou o de cá
que observa e cala
imobilizado, a fitar.

Até que nasça o Sol
transformando, outra vez
a vidraça em simples vidro
e não mais espelho
olharemo-nos, perguntando:
— Quem é aquele que está ali
do lado de lá?

SHORT EM PERNA DE PAU

Lima é do Peru
a Suíça é uma Berna
Hércules e a Hidra de Lerna
Washington tomou sumiço
a Suíça é do suíço
e se o Japão é que é bom
Caracas, leve-lhe o som!

Português não é baiano
Brasília é mulher do Brasil
caçarola e Kibom Bril
vizinho chapéu de touro
mulata de filho louro
King Kong fica na China
Buenos Aires, Argentina

Te adoro, besame mucho
y Colombia cana dá
madrileñas de Paquetá
un abrazo, Marijuana
charutos Fidel, de Havana
e a fruta que Paris
Coreia, sejam felizes

Angola na minha orelha
Roma pra lá que eu vou
pinga boa é a de Moscow
tô Zurich da vida
castanholas de Chiquita
México mas seguras
pelas bolas de Honduras

Na Europa Ocidental
tem tarado furando o muro
short em perna-de-pau
se Berlim é capital
Salvador é meu futuro
inda mais que ando duro
mão no bolso e sorrisal

SOPA DO TINGUÍ

Sabe, compadre,
foi ainda ontem que eu vi
tristes corpos
enrugados pelo tempo
pequeninas mãos
lépidas, esquálidas
emagrecidos braços
braços de homens
que outrora foram fortes
enfraquecidos pela fome
flácidas pernas
de mulheres tristes
esfaimadas
numa coleção dantesca
nos passeios da Tinguí

Sabe, amigo
foi só ontem que eu percebi
aquela tristeza no olhar
de quem estende a mão
e esmola
a boca que espera
e a lágrima que rola
a colher que a custo se erque
da mão da trêmula
contendo em si
a sopa...
do Tinguí.

Sabe, irmão

foi só ontem que eu percebi
que cada mão estendida
aguarda uma migalha
que cada olhar de tristeza
clama por compaixão
cada boca sem dente
espera um pão.

E talvez, irmão, algum dia
ao passar por ali
você se verá
como também eu me vi:
de barriga vazia
esperando na fila
a sopa do Tinguí.

TRAPOS

A menina e a boneca
não parecem importar-se
com as cenas diárias
das dores da guerra,
Afinal, a boneca,
venceu muitas guerras,
em árduas batalhas
nas pequeninas mãos
de sua dona.

Resistiu a torturas
a garras de gatos
a quedas fatais
e sobreviveu.
É verdade que
já não tem cabelos
nem pontas de dedos
já não tem mais olhos
e um braço perdeu-se,
mas está ali
sempre presente
a qualquer chamado.

E a menina não vê
a menina não crê
na dor da boneca.
Acaso os homens
quem voltam do front
não vêm assim?
Sem cabelos, sem braços
sem dedos, se olhos

sem pernas, sem tino.
A menina não sabe
de outro modus vivendi,
nascida e criada
num mundo cruel
de nada ela sabe
de nada ela entende.
E se eles, os homens,
assim podem viver
que dirá a boneca
perdida e singela
anímico ser

VERSÕES

1

Falam do Centro Histórico
dos seus casarões.
Homens que nunca vimos vão à televisão
para dizer coisas que já sabemos demais:
que é preciso reerguer os velhos casarões
que é preciso calçar velhas ruas
que precisamos pintar as paredes
tirar-lhes o limo
limpar a sujeira
do Patrimônio Mundial.
As casas estão caindo
as paredes, esburacadas
e porcos correm pelas ruas.
Sobem o Pelourinho
olham a sede do afoxé Filho de Gandhi
cruzam o Maciel, de cima, de baixo
até o Terreiro de Jesus
e voltam pela Rua do Nina.
Apontam e dizem:
— Temos que fazer algo por ele.

2

Moram no Centro Histórico
nos seus casarões.
Homens, mulheres, velhos, crianças
que nunca vimos na televisão
pisam-no, de pés no chão
como os escravos, anos atrás:
e ninguém fala em soerguê-los
e ninguém diz que eles passam fome
e ninguém sabe o que fazer com eles, -
como encher suas barrigas
dar-lhes um teto
no Patrimônio Mundial.
As casas continuam caindo sobre suas cabeças
as paredes, esburacadas
e seres vagueiam pelas ruas.
Vivem no Pelourinho
olham, com sede, os dólares dos turistas
labutam, no Maciel, um pouco de comida.
O Terreiro é de Jesus
e acabam-se pelo Nina.
Apontem e digam:
— Temos que fazer algo por eles.

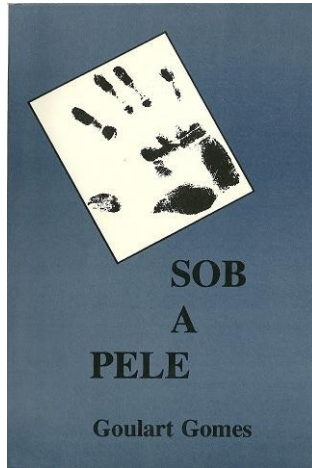
BESTEIROL

Pelos beijos que eu quis te dar
e pelos versos que te dei
Pelo teu gosto, que eu não sei
e pela vontade de amar.

Pela língua que eu não mordi
e pela gota que não suei
Pela lágrima que eu não chorei
e pela for que eu senti.

E ainda que o verso morra
arrastado em tua queda.
por toda esta grande merda:
- Minha musa, vá à PORRA!

Concerto para Prego e Martelo (1984-1994)



SOB A PELE

**São Paulo, SP:
João Scortecci Editora, 1994**

ENSAIO 5

sonho
sobre a cama
um monte assoma
gigante
perfeito, reto
relva baixa
cerrada
gramíneas negro-ruivas
paralelas;
ao meio o mar
vermelho
pernas, peitos
hipérboles em profusão
inexatas
com o colchão

a reta
irá se perder
no infinito
ao último grito
afogado em leite e mal
duvido que haja
travesseiros mais bonitos

FLASH

à meia-luz o brilho do teu rosto
tão perto, tão perdido
refletindo as luzes dos neons
em outros tons

à meia-luz despe-se o teu jeito
e se faz mais o que já não poderia
à meia-luz, a meio palmo, a meio ano-luz
teus lábios
e o que há de mais em ti
amei à luz

e os sons das minha vogais
engravecidas
sufocavam as consoantes guturais
ensandecidas
simplificando uma vida em meia hora
à meia-luz, sobre rodas

amei à luz o teu silêncio
e tua dúvida do meu modo de
falar das coisas mais banais

amei, talvez, ouvir tu dizeres
não saber exatamente o que é amar
amei não saber só
e o que há além para em ti sonhar
à meia-luz
não disse o que queria
que tu ouvisses

não disse
nada além que deveria —
monologuei, agora sei
pois nada disso muito interessaria
nem mesmo a mim

à meia-luz o teu perfil
amei à luz o que surgiu
amei, mesmo não saber
e te falei de quantas coisas
só sobraram

falei, mesmo sem poder
da tristeza, da alegria
e de quantas coisas eu devia
emudecer

mas se eu sou tu, à meia-luz
não há o que temer
voei
pois mesmo sem querer
mesmo sem tocar
amei a luz, amei

AÍ

minha lógica te descrê: ninguém é perfeito!
e daí um de nós não está aqui

esta cara que pára a um palmo da minha
é espelho de Circe
um Eu mulher que escapou
e se ri de mim

onde te vi, que não aqui
cadê a tua nave ou tua nuvem
que não vi pousar?
e'star being é tua luz
e ser feliz deve ser algo tal e qual
escorregar do teu nariz

antropofagicamente tropical
cor azeite (de dendê)
que gosto bom! melhor de ver
e esse isso-tudo teu não se devora
não se explica: se ignora
toda miragem se esvai... ou se esvazia
assim queria, sem saber mais
lua no céu em pleno dia

AGONIA

rio... em teus olhos o tempo passa e
outras manhãs descortinam
sei, sim, que não nos pertencemos
assim como o tempo, passa
nada mais resta além
imagino que não
ainda que desperto

sei que muito pouco te interessa
agonias em asas de morcego
navegando pelos ares da noite
te quero (única verdade
intrínseca em meu peito
ainda que tardia), sim
guardei poesias para ti
orvalhadas de temor

o certo é que vivemos
libertos de nós mesmos
inventando o amanhã;
valeria a pena virar o rosto
e negar o sonho?
imagino, imagino-me em teu hálito
rodando ponteiros num círculo estático
assim como o tempo passa

A MAIS

existem coisas, muito mais
entre o que a fala esconde
e os olhos dizem;
existem coisas, muitas belas
entre um rubor de faces
e um tremor no peito;
existem coisas, muitas tolas
ocultas sob os ventos modernos
onde o amor tornou-se
uma palavra anciã

existe, sim
algo que permeia-nos e faz
com que sejamos tão iguais
em nossos medos
há mais, muito mais
além da relva índigo, do céu lilás
e dos nossos versos
banais
há uma vontade inenarrável de mortais
há o vento frio da noite
hálito do cais
há tirésias em cada amante
e luzes suspensas em cada esquina
ah! sim, um rosto de menina
e todas tuas curvas
tão normais
há algo dentro, vão e imortal
falso como um cristal
tornando todas as auroras
boreais

CRISTAL¹³

por quantas vidas fostes vida assim tão bela?
por quantas eras te moldastes assim alegremente fera?
por quantas luas te voltastes para ela assim tão séria
e marcastes tua pele inteira com esta cor-pantera?

em quantas civilizações perdidas fostes venerada deusa
e quantos reinos de marfim, opalescentes, perfumastes
com tuas essências sândalo, almíscar e patchuli?

sim, que toda esta graça não se tem assim
só de ver, ouvir dizer e ser em uma vida só
que o mais que em ti existe não se deixa ver: queixa
de mortal que nunca chega a ter

e aonde vais não passas deixas marcas tão profundas
que nem toda a areia do gobi pode encobrir
farol de olhos (que brilhar estranho!),
nave que vai sangrando o mar de aral
dizendo cedo que chegamos tarde ao cais

¹³ 2º lugar no II Festival Música SESI-BA, 2000, interpretada por Cal Ribeiro

O GATO

um gato
ao meio do asfalto
me lembra Cambises
passo ou disfarço?
quantas vidas ainda teria?
rompe o assombro
salta ao meu peito
consuma-se o fato
mia
mato ou não mato?
atiro-o à moita, volta
triste agonia
a de ter pelos passos pêlos
macios, quentes, vivos
olhar que alumia
lume da noite
e o rabo irrequieto
ponto de interrogação;
arranha a pata
afia a unha a meus pés
arrepia
o dorso e não vai;
espirra: alergia
atma, talvez asma, alegria
ou alma de sete mentiras;
inseparável inimigo
fiel roedor de ratos
pardo à noite
branco, de dia, escuro
talvez o próprio muro

ao eclipse da lua
no meio da rua
à madrugada
fiel companheiro
ideia que gruda
e não descola
novelo de lã em bola
gostoso
estende-me a pata
gato talvez não
gata

AMONTOADO

brasa viva queima
vela ali ao lado
abrasa-me linda gueixa
abraça-me fogo fátuo
bruxo-leio cama
parafina à chama
pinga g o t a - a - g o t a
queira o fato, a foto
foge, ainda que não seja;
liberta que será (também)
vem... que mal me faça
graça de poder poder

quero mesmo que não possa
bem-e-mal querer
poço fundo de cair
corça cascos de correr
coça o corpo contra a casca
cornos de real temer

cor de mel colméia
rainha minha mãe assanhe
a vontade de beber
venha ver banho de gato
gosto puro de lamber
— ainda que incerto e raro —

faro de sentir chegar
anda nêga, nada nega
ninguém pode saber

(e ainda que o mar afogue
o sal conserva a água limpa)
a fonte transbordante
cristalina, ensina o nado
ao peixe emparedado no cimento

o vento venta e sempre e tanto
que te levará:
rara brasa e nela, por falar
acesa queima, abrasa
mesmo sem ter ar

QUERIA

Queria-lhe a boca
o céu não se via
as luzes dos carros
— Morde a maçã do meu rosto, dizia.
Queria-lhe a boca
e o sonho seguia
noite a dentro
noite a fora
falávamos de coisas vãs,
da vida;
sonhava que ainda dormia
e a boca... queria, falava
até à última hora.
Queria-lhe a boca
o que dela sai
o que nela vai
queria;
todo o frisson
o tinto batom
em mim
que ria, sim
queira um beijo assim
pra acordar
e ser normal

SEDUÇÃO

o sedutor também é seduzido: leis do amor
feiticeiro e enfeitado são duas moedas de mesma face
não há disfarce e quem cede o sangue à sede será
vampiro!

quando mulher e homem lutam não há vencedor
apenas corpos jogados (de dor ou de prazer) pelo chão:
todo sim soa não, porque ninguém é de ninguém
cada um por si e a paixão pelos dois

ser feliz é fazer amor como quem faz poesia
devagar ou de repente, incondizente
é esta nossa mania de confundir querer com tesão!

cada linha que escrevo me esvazia, figado de prometeu
nasce de novo e a águia não dá conta:
dói como parir e o filho tem a cara da mãe
procurar-me em ti perdeu-nos ambos
busco-me nos versos que hei de fazer
o desejo de algo que não é só teu corpo,
que nem eu nem nenhum dos deuses saberia definir
- aphrodite, athenas, ceres, cada louco tem sua poesia
cada noite tem seu dia, como não?

O Inverno nos esquece, a Primavera é minha amante
no Outono as folhas dos livros e cadernos cairão
mas a paixão verá nascer um novo dia:
sedutor e seduzido, vocês Verão

MADRIGAL

madrigais irrompem dos teus olhos
amanhãs claros e lípidos de tua pele
rios, risos explodem dos teus lábios
iridescendo o ar
arco-íris de sonhos bobos

porque não há realidade ou fantasia
apenas o que podemos imaginar
utopias de paixões irresponsáveis
lágrimas, suores e o que mais
a noite venha nos legar

movem-se no ar rimas e versos, vejo
além um horizonte, linha azul e
rodopia aqui tua silhueta
triscando-me os pelos, insinuando...
ícaro não seria mais feliz se
nafragasse no teu cheiro doce -
estórias que não cabe aqui contar
zigzagues de palhaço bêbedo -

parece haver um hiato quando
homem e mulher queimam florestas,
incêndios em pleno coração
luzes tênues clareando a escuridão,
ocazos, orvalhos e alvoradas
cremos ver, cremos sentir, doce loucura
razões que se perdem nos lençóis
e dores desvanecendo-se em travesseiros;
o neon indicando algo que
nem eu nem os deuses revelariam

ONLY A WOMAN

slap of hair

a

lit

tleaf

fair

to rub down

and you around

bofetada de cabelos

um romancesinho

roçar os pelos

e você pertinho

makemedo

do

that I nt

-me

faz

er

wa

only a woman

I hope so

o que eu não quero

apenas uma mulher

assim espero

shut up!

and go away

I really enjoy

your way

cale a boca

e vá embora

que eu gosto mesmo

é do seu jeito

I am a poet(?)

and about nothing

I think

don't mistake me

you are

only a woman

eu sou um poeta(?)

e sobre coisa alguma

penso

não me confunda

você é

apenas uma mulher

ELEGIA

tu oggi sei Shangri-La
desiderio di tutto che non ha avuto
per paura, codardia
o voglia di negare
per destino, ironia
città vuota, torre di avorio
chi.

tu fosti Taj-Mahal
Nell'alba, sorrisal
un brillante girasole
a luce della luna

tu eri nuda
statua di cristallo
madrid, deserta e bella,
eri.

aspetta... forse Seul
in piena Guerra Fredda!
saloon di far-west
al mezzogiorno
ballerina di can-can
nel moulin-rouge
tu fosti Bahia:
malia, magia
e niente piu.

e oggi é follia
colombina e arlequin
tu non sai in me
vuoto di boccaporto
in nave spaziale
che rimase.

tu non sei normale
sei semplicemente tutto
natale in pieno luglio
digiuno in carnevale
anima: essenziale
amore di adolescente
in letto conjugale
più bella che donna di trenta
tu sei bella
ancora que lontana,
ad Ancona.

Versão: Roberto Lagrotta

PRE NUN CIO

roubo-te um beijo
e te faço imiga
nada demais
se amiga nunca foi
mulher sim
com todo seu desdém

a cara espantada
espera o tapa
se vem
nada demais
se vale a pena

desfazer o novelo
e fazer a raiva
descarrilhar o trem
desta estória
macular teus lábios
de repente
se cismas ou não
não sei
me fala mais nunca
mas que bejei, bejei!

CUERPO

cuerpo
extraño los mis ojos
no sí aconstumbrán

tanta luz
danza el cuerpo tuyo
flota

más
alén el vacío el éter
el lobo las uvas

maduras

bailán
sobre el pecho tuyo
la locura

el cuerpo tuyo
flota
el cuerpo mio
bicho
aluna

BIG BANG II: ASTROS E ESTRELAS

*foi assim que aprendi a, maisqueamar,
admirar à distância*

Atenção, senhoras passageiras com destino incerto:
apertem os cordões dos sapatos e boa viagem!

vou pegar um sputnik
pra seguir
um mundo inteiro
pra sentir
— a terra é azul
e em cada olho orbita
um abismo gigantesco
desfiladeiros de marte
netunos de morte
ou anéis espirrais de saturno

quantos anos luz pra chegar!
a trezentos mil K
num milésimo de segundo
num átimo relativo
um átomo sem rotina
um átono sem vogal
e não ficar

vou pegar
astronova
astronoiva
supernova
novanave
naveloca
asnotrova
notroavas
shhhhhhhhhhhhhhhh
otracoza

a galáxia é uma curva
infinita como aquelas
e a via é láctea
qual num sei quê que desce
a estrela sobe
e brilha longe:
é um sol que já morreu

vou montar um skylab
com meu jeito lunático de sentir
não sou um homem
sou um bólido
qualquer corpo sólido
rasgando o vácuo
(e se eu explodir no discovery
resgatem minha caixa preta)

vou montar num dorso enorme
e dormir num berço esplêndido
que a cauda é de cometa
e a loucura é para sempre
se o céu está na boca

e o mel está na lua
uma cama me consente
e um ventre é minha rua

vou à marte sim
e até os sextos dos infernos
pelos deuses do Olimpo
e pela barba branca
do profeta Maomé

vou cruzar o infinito
e pousar num risco
entre uma e outra pele;
vou morrer escancarado
num riso caudaloso:
a terra é azul,
eu vi

BRANCA

Branco, branco, branco, branco
o vermelho aflora
em dois traços tintos de batom.
A moça cora
o rosto branco;
branco, branco, branco, branco
o leite mora
embaixo dos teus pelos;
branco, branco, branco, branco
o seio à mostra
o vênus cora
de sofreguidão;
branco, branco, branco, branco
longo e fino; alto e fundo
quase nada a mais.
Branco, muito branco, mesmo quando
o sangue sobre, o leite desce
a fome cresce e a virgem morre
de negar o não;
branco, branco e tanto e tanto
que não é espanto
se mesmo o róseo for.

NADA A FAZER

existem guerras lá fora
e eu brinco com o mel da lua de neon
desenhada ao quadro-negro
quase nua, quase élan

um rasgo ao sofá
de luz, de plástico
na penumbra

além do som das buzinas
a chave oscipendulando
entranhada à porta batida
e um aroma vourejando;
nada além de ratos brancos
e cocô de lagartixas
nas fendas do soalho
nada como red
em seu aquário
que se deva compreender
ou respirar
ou desistir

um passo atrás
apenas, e daí?
é o bem, é o mal
que se nos faz

ADN

o mundo é bem pequeno
o menor dos bens
concretos
que se pode per correr

terras azuis
marrons nas águas nada(m)
cronos somos
cheios de gens

ácidos em espirais
ADerNam

n
 a
 u
 f
 r
 a
 g a m

caminha
em si plantando
nem tudo há

BEAT(I)TUDE¹⁴

hora de lavar o rosto e enxugar as lágrimas
chegar ao fim é apenas o começo
aquela velha frase indigerida
"a vida continua" sempre
o eterno novo, Heráclito, virá a ser
só nós não mudamos
e continuamos a sentir as paixões como antes

sentar na pedra não vai fazer
a estrada parar de andar
somos nós mesmos, apenas, somos nós
temos tanto que nos falar!

estou chegando ao fim, baby
e você me ajudou tanto a chegar lá!
areia na ampulheta e lei da gravidade você foi
a vida só dói quando se pensa
e o fim não é tão ruim
estou chegando sim, baby, rô, enfim;
não um grande amor, uma grande besteira
uma grande vida e tudo que ela pode dar
cinco sonos depois você chegou
e no sétimo quero descansar

¹⁴Menção Honrosa Conc. Nac. Poesias Moacyr Felix, Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, 1992

pegar minha mão no ônibus
trem, navio ou avião, sem ter medo
e me rir cheia de dentes nada vai mudar
pequeno alento, beijo ao rosto do defunto
sobre o asfalto
sim, baby
você é um tombo para o precipício

descansar na sua paz
deixei-me, nu como nasci
de alma
deixei-me nu
totalmente cru nesta viagem
escrever é a grande droga e você
agora só resta o beco sem saída
uma imensa parede de tijolos vermelhos
os red bricks numa velha lição de inglês;
compartilhei com você veleidades
e deixei a velha pele aos seus pés
você não me reconheceria!
já não sentia nada a não ser a sua voz
anestesia
num olhar de entrelinhas
(estranho
menina de olhos pautada!) -
cruzei o rio em sua barca
e fiquei por lá, quer vir?
descubra alguém que a carregue
idem adeus é tão distante e
tchau é até já

carregar a casa às costas
caracol, é sua vez
se bebesse de vez seria bem melhor
velcron lhe grudei
em alguma parte por aqui
compartilhar, amor, é dividir
e não somar, meio-eu, meio-você
três em um quarto de qualquer tempo
e o veneno já correu
todo o meu corpo
"você precisa amar"
e o sangue não chegou ao cérebro
"você precisa ser, amada"

nasci das águas, nada me pertence
vi(vi) tudo o que devia
alguém tem de fazer algo
mas não sou eu,
grande grande grande viu?
vis seus quadris
não exprimem mais nada eu
já lhe roubei o segredo

já, já me ensinou a gostar
de mim como você
tchau, adeus, adeus
você também cumpriu sua missão

por que estes anjos apostam
tanto em mim? não sou um deles
não tenho perdão, direção ou jeito;
acordei mas não gostei, nem de dormir
vou estar aqui
olhando pra vocês

não me olhe assim, com pena
sou justo e temente
isto é só uma agonia
o fim já vem pra nós
vou fingir que nunca estive aqui
e o pedaço que sobrar
saberei que foi o seu
não beije, não, oh, baby, rô
quem sabe um dia
quando eu não puder mais abrir os olhos
já vivi demais, eu sei
e não quero incomodar
lhe saber eu sei abdicar
vá embora, baby-sitter
desta vez eu tenho que fazer sozinho

obrigado, baby, rô
quem sabe em outra vez
mas vou seguir seu indicador
lhe acenar com todos dez
esta é a estrada que você me fez

ouço o beat no peito
ecoando no colchão
se escorregar, eu sei
vou estilhaçar em mil pedaços pelo chão
morder o coração feito uma esponja
até dessanstrar

guinchar de rodas e uma pancada
seca por trás
na última visão um líquido escarlate
chupado pela areia

gritar de vozes
multidão que faz ciranda
"eu não tive culpa" ouvir
- obrigado por ter tirado um fardo
de sobremim

you me trouxe, baby, rô, até aqui
mas não pode ir além
no elevador só dá mais um
estou aqui
a um passo da eternidade
(meus heróis morreram crucificados)
é tudo azul no infinito
em vários tons, oh, baby,
you me libertou
grande e bonito sinto
ô baby, rô, you é linda
e eu vou

MOSTRA O SONHO (GELO)

mostra o sonho amor
que eu fiz
no jardim há rosas
colibris alguns
e ao gramophone
a voz de elis

acorda o sono
despe as paredes do abandono
e traça a giz
um retrato do momento

diz
que meu poema foi tão louco
pouco
rouco
que ninguém quis

põe mais gelo no café
descansa os braços
no meu colo

fecha os olhos
e esquece o que não
aconteceu

SONETO IMPRECISO

Guardarei tua última frase num baú de rosas
e o teu tato vai virar confete
não é por aí, tá bom, não me compete
escutar versos nem fazer prosas

Vou guardar um gosto de amargura
(teu riso sibiliado irá me deprimir)
tanta coisa eu deveria — já esqueci
... pedra mole em água dura

Vou guardar teus lábios num cetim
enchente ventre delta baixo nilo
anverso de dorso forte e carnudo

Guardarei em ti o que há em mim
e jogarei pro Tempo tudo aquilo
vazio que tornou-se aqui aquilo tudo.

TORMENTA

furacão passou um ciclone assim
meio de sobrejeito, quase sem ter fim
vendaval assoprou no mar
levantou ondas de cristal
que triste, coisa-e-tal

ela destelhou minha colmeia
o mel virou cera, água em sal
buona sera, serafim
sorriu do alto da bonança
azul, tão branco, e o sol carmim
voltou el niño, passou
sim, mas levantou
desarrumou e fingiu não ver,
o mastro partiu, rasgou a vela
apagou; o farol se fez de cego
desancorou
e o porto andou para trás
que mais nada feito um tubarão
cíclope, furacão, será fim

ASSIM

só um riso me consola
algo liso que desola
e recompensa
pensa: estou longe, estou perto
estou deserto
sem agulha na vitrola
(vide-verso, vide o k7)
alguém me desconsola
e aperta o botão
na hora incerta;
estou ficando pro futuro
estou ficando duro
de se ver, meio pause
auto-reverse mesmo na poesia
alguém me esvazia
e, preenhe, me preenche
de alegria
argonauta no deserto ou
tuareg em alto mar
certeza do incerto
quando perto da beleza
pura
alguém me atura
ignorando o dito
e me deixa aflito
talvez até bonito e triste
sei, alguém existe
não há como voltar

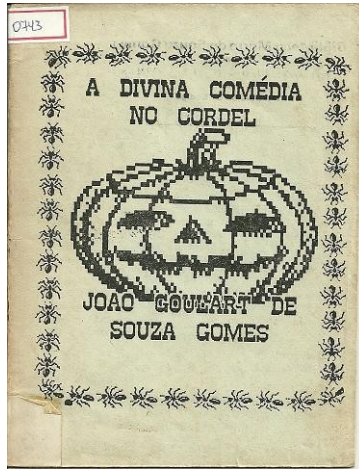
SONETO DO AMOR IMPURO

Já te comi com os olhos e com as mãos
antropofagia étnica, incesto de irmãos
sei que não raspas teus púbicos pelos
corta-os baixinhos, aparas os cabelos

Conheço cada ondulação da tua bunda
onde teu ventre se alarga e onde se afunda
qual dos teus seios tem maior volume
e como a tua ira de gozo se assume

Ao banho, onde primeiro tocas o sabonete
a quantas fricções respiras em falsete
deixando a água ser um outro, teu

E se em tua corte fui só mais um bobo
trago comigo um real consolo:
quem mais te possuiu fui eu



A DIVINA COMÉDIA NO CORDEL

**Salvador, Bahia:
Edição do Autor, 1988**

Hoje só vende livro
Escritor de classe “A”
O povo nem pode comer
Que dirá livro comprar
E assim vai ficando fraco
Sem ler, sem se alimentar

Se a bóia enche o bucho
O livro enche o saber
É cultura adquirida
Em tudo que a gente vê
Cordel ou qualquer livro
É tudo bom de se ler

Resolvi, então, contar
Um sonho que me ocorreu
Não sei se foi sonho mesmo
Ou visão que apareceu
Contei ele ao seu vigário
O velho ensandeceu

É uma estória fantástica
Que, eu sei, nunca acontece
Com quem é certo da bola
Com quem reza e faz prece
Pequei em deitar sem rezar
Vou contar a quem interesse

Como tenho o costume
De ler antes de deitar
Peguei um livro na estante
E comecei a folhear
Depois fui lendo de leve

Sem querer me assustar
O nome do livro era
A Divina Comédia, de Dante
Um escritor da Itália
Um dos maiores gigantes
Do verso, da lei e da prosa
Memória de elefante

Neste livro ele narra
Um passeio que deu
Levado por outro poeta
Pra visitar quem morreu
No céu, purgatório e inferno
Onde mora o zebedeu

Por lá ele viu onde estava
Assassino, agiota e ladrão
Gente boa e gente ruim
Pastor, padre, sacristão
Político descarado
Quem no do povo meteu a mão

Fiquei muito impressionado
Com o livro que eu lia
Será que era possível
Falar com quem dormia
Debaixo de sete palmos
Da terra pesada e fria?

Sei que as almas tavam lá
Umas no fogo, outras no gelo
Tremendo, batendo queixo
Assando, soltando pelo,
Umas surdas, outras cegas

Sem olho, unha e cabelo
Fechei o livro e guardei
Deitei meio assustado,
Me enrolei de cima a baixo
E de olho arregalado
Fiquei, assim, muito quieto
Com um medo arruinado

O tempo ia passando
E nada de sono chegar
O sino batendo horas
Meia-noite ia dar
Quando sopra um vento frio
Daqueles de arrepiar

Eu disse: - Valha-me Deus
Que é chegada a minha hora
Adeus mundo, adeus casa,
Mulher, filho e nora
É agora o Apocalipse
E a Besta me leva embora

Foi quando ouvi uma voz
Falando no meu ouvido:
— Você na verdade pensou:
“Disso tudo eu duvido”,
Mas agora vou lhe mostrar
Pois nisso sou entendido

Eu sou Dante Alighieri
Já estive lá uma vez
Passei lá pelo inferno
Disto já sou freguês
Agora você vai por bem

Ou lhe arrasto com rês
Você não acreditou
Que eu já falei com morto
Mas agora quem vai falar
É você, sêo cabra torto
Jogou minha cobertura fora,
Me arrastou por um horto

Depois do horto paramos
Num imenso descampado
Dante então me apontou
Um buraco destampado
Me deu um empurrão e disse:
— Pula aí, cabra safado

Pulei dentro do buraco
Mas já caí de mal jeito
Num pé de mandacaru
Que me arranhou o peito
Lasquei minha calça na bunda
Tamanho foi o trejeito

Eu disse: — Maldita hora
Que vim para este lugar
Já tô todo desgraçado
E mal comecei a entrar
Vou logo ver um modo
De pra casa voltar

Dante retou-se e disse:
— Daqui você não sai
Enquanto não ver o que vi
Não tem mãe e não tem pai
Que faça você sair

Com nada você não vai
Como não tinha jeito
Comecei a caminhar
Sempre atrás de Dante
Pelo pior a esperar
Descendo muitas escadas
Para no fundo chegar

Chegamos, enfim, no Inferno
O calor era danado
Um fedor brabo de enxofre
Emanava dos diabos
No fundo, uma poltrona
E nela Satã sentado

O chifrudo logo que viu
Dois estranhos no pedaço
Quis logo saber quem eram
Pegou o tridente de aço
Partiu em cima de Dante
Pra transformá-lo em bagaço

— Calma aí, dr. Satã
Dante logo gritou,
Não se lembra mais de mim
Aquele que aqui passou
Acompanhando Virgílio
E o sr cumprimentou?

O cão parou na corrida
Desabalada em que vinha
Falou: — Estou me lembrando
De você, são Figurinha
Corajoso feito rato

Medroso feito galinha
O que é que lhe traz aqui
Para este fim de mundo?
Pra cá só vem gente ruim
Cachorro, ladrão, vagabundo
Gente boa aqui não vem
Só traidor, porco imundo

Dante com muito medo
Falou assim ao rabudo:
— Trago aqui este vivente
Que diz duvidar de tudo
Peço sua permissão
Pra apresentá-lo aos chifrudos

O cão mirou, remirou
O meu corpo balouçante
Deu duas cuspidas no chão
E uma coçada no bufante
Falando, meio zangado
— Pode olhar, sêo tratante

Mas não mexa onde não deve
Sob pena de ficar
Para sempre no inferno
Ocupando o lugar
De Belzebu, Astaroth
Belial ou Balaah

Dante então começou
A me mostrar as profundas
Era gente levando taca
Largando o couro da bunda
Outros no meio de ratos

Sapos e cobras imundas
Dante disse: — Agora eu vou
Apresentar a você
Aqueles tristes figuras
Que só mereciam morrer
Bem antes do mal que fizeram,
Pra tempo não se perder

Joaquim Silvério dos Reis
Foi o primeiro infeliz
Que por trair Tiradentes
Perdeu dentes e nariz
Andava com a língua de fora
Falar com ele eu não quis

Não gosto de traidores
Não há justificativa
Pra se enganar um amigo
Nem perdão a quem pratica
Uma sujeira dessas
Uma atitude passiva

Depois veio o cangaceiro
Conhecido por Lampião
Enterrado até à cintura
Com um rato em cada mão,
Uma cobra em volta do corpo,
Parecendo um cinturão

Berrava que só um bode,
Tentando se sacudir
Pra espantar as formigas
Que lhe começava a subir,
Inda quis falar com ele,

Mas tive de desistir
Virei pra Dante e falei:
— Assim eu não quero mais,
Eu não falo com ninguém
Só ouço uais-uais,
Já vim, quero aproveitar
Falar com os animais

Dante falou: — Então vamos
Aquela ponte atravessar,
Segure-se pra não cair,
Vamos ver o que tem lá
Que aqui você num guenta
Termina por vomitar

Era o pavilhão dos ilustres
Só tinha personalidades
Conhecidas em todo o mundo
E em todas as idades
Famosos por sua frieza
E por suas crueldades

O primeiro era Hitler
Ditador da Alemanha
Que matou sete milhões
De judeus em sua sanha
De dominar a Europa
Da Rússia à Grã-Bretanha

Não só toda a Europa
Mas também o mundo inteiro
Germanizar Nova Iorque
Moscou e Rio de Janeiro
Trocar vatapá por chucrute

E mostarda por tempero
Fiquei muito admirado
De ver que nada sofria
Sentado numa cadeira
Parece que ninguém o via
Ficava falando sozinho
E ninguém o percebia

Logo que me aproximei
Ele alisou o bigode
Se empinou numa cadeira
E sacudiu o capote
Como quem quer mostrar
Superioridade e não pode

Perguntei como estava
O grande Adolfo ali,
Sem glória pompa nem nada
Como estava a se sentir
Sem tantos soldados em volta
E sem aviões a zumbir

— Não sei porque vim parar
Aqui nesta escuridão
Nunca fiz nada de mal
Ao grande povo alemão
Ao contrário mandei fazer
Metralhadora e canhão

Pra defender as fronteiras
Engrandecer a nação,
Fortalecer as divisas
Fazer de judeu sabão
Que é raça que nunca prestou

É tudo agiota e ladrão
Pra acabar com esta raça
Fiz campo de concentração
Só pra matar semita
Descendente de Adão
Político adversário
Cigano, eslavo e negão

Eu ia varrer da Terra
Tudo que não prestava
Bordel, vandalismo, roubo
Comigo tudo acabava
Mil vezes, se precisasse
Matava, matava e matava

Não sei porque estou aqui
A minha intenção era boa
Matar tudo que não presta
Embora a consciência doa,
Mas o tempo apaga tudo
E nele a miséria voa

O pior de tudo isso
É ficar aqui sozinho
Sem ninguém olhar pra mim
Sem atenção e carinho
O ódio a gente suporta
Mas desprezo é um cadinho

— Vamos andando, Dante
Por aqui já vi demais
Deixemos este condenado
Que nunca vai ter paz,
Eu quero ver logo o resto

Não quero demorar mais
Saindo daquele local
Fomos ver os ditadores
Onde estavam os homens
Que comandavam os horrores
Mortes em quantidade
E tantos outros terrores

Estavam num poço fundo
De sangue até o meio
Já muito coagulado
Poço danado de feio
E nele os homens boiando
E por cima levando rêio

Pois tinha um diabo acima,
Lascando de lá um chicote
Na cabeça dos danados
Que só faziam dar pinotes
Metendo a cara no sangue
Bebendo gosma de gole

No meio dos condenados
Estava o Mussolini,
Átila e Gengis-Khan
Josef Stalin e Lenine
O que é bom, a esses cães
Não tem mãe que ensine

Deixemos as eminências
Os líderes do terror
Que haviam muitos outros
De bem menos valor
Ladrão, juiz e político

Vigarista e até doutor
Ficavam estes criminosos
Expostos aos urubus
Aos animais carniceros
Com os corpos todos nus
E eram então beliscados
Juntando ferida e pus

O calor tava danado,
O enxofre tava fedido
Chamei Dante pro purgatório
Local dos arrependidos
Que o fedor tava tremendo
O ar saturado, ardido

Passando pro purgatório
Fiquei mais aliviado
A coisa ali era melhor
Que o lugar do cão danado
Não era estação de férias
Mas era mais acalmado

Neste lugar ficavam
Os criminosos menores,
Os mais arrependidos
De todos os menos piores,
Que suportavam tranqüilos
Todas as suas dores

Pois dali eles partiam
Para locais de descanso,
Ali o pior de todos
Em tempos saía manso,
Mas deixa eu contar a estória

Senão, leitor, eu canso
Neste local estavam
Judas, Pilatos, Caifás,
Sem esquecer de citar
Herodes, Barrabás
Salomé e Herodíades,
O mau ladrão e Ananás

Muitos que viram Cristo
E nele não acreditaram
Que todos os seus conselhos
Com desprezo ignoraram
Chamaram-no de impostor,
Por isso se arrombaram

Cada um que participou
Da morte de Nosso Senhor
Estava arrependido
Do que crime que provocou
Um peso na consciência
Arrependimento e dor

Depois de terem ficado
No inferno por mil anos
Passaram ao purgatório
Pra pagar crimes nefandos
Por iniciativa própria
Ou seguindo um comando

Ficavam ali sozinhos,
Geralmente a chorar
Outros em crise louca
Davam pra se arranhar,
Morder os dedos das mãos

E o cabelo arrancar
As penas eram mais leves
Pra quem implorou perdão
E foi tirado do inferno
Por caridosa mão,
Para ali terminar a pena
Sem queimar no fogueirão

Tava ali um cabra ruim,
Que bateu na que o pariu
Quebrou a cara da mãe
Virado em um tiziu
Pena das mais terríveis
No Inferno ele cumpriu

Ficava amarrado no chão
Com mil baratas por cima,
Quem não aprende na Terra
O diabo é quem ensina
Sofreu por duzentos anos
Já estava no fim da sina

Um outro, quando era vivo,
Pegou o filho e capou,
Os testículos do menino
Num mourão amarrou
Ainda achou que era pouco
Pegou o menino e salgou

Ficou no Inferno amarrado
Pendurado pelo saco
Em cima de um fumaceiro
Que recendia a tabaco
E como se não bastasse

Um morcego em cada suvaco
Tinha um velho que eu soube
Ser um grande coronel
Que muita gente matou
Confundia mel com fel
Acreditando no padre
Que lhe mandaria pro céu

Esse coroa ficou
Por um só pé pendurado
De cabeça para baixo
Com o pescoço furado
A sangrar dia e noite
Até ficar esgotado

Foram tantas as torturas
Que os criminosos passaram
Que é difícil até falar
Felizmente acabaram
Ficavam ali recordando
A vida que levaram

Bandido é o que não faltava
naquele sinistro lugar
O nome de alguns deles
Eu agora vou citar,
Somente os mais perigosos
Vou agora enumerar;

Zé Fura-Olho, Maldoso,
Chico Cabrunco, Zóião,
Boiudo, Barba-de-Bode,
Chifrozo, Olho-do-Cão
Capacho, Lê-da-Bufa,

Esbofe e Pedro Cagão
Racha-coco, Mão de Vaca,
Malcheiroso, Desdentado
Vampiro, Estripador,
Leleu e Come-cagado
Gambá e Catingueiro,
Boca-de-Sapo e Levado

Bandido é o que não faltava
No tal do purgatório
Que tinha nego a purgar
Na base do supositório
Depósito de pagador
De finados, grande empório

Cheguei pra Dante e falei,
— Meu velho, dá um jeito
Da gente ir logo pro céu,
To cheio de ver defeito,
É homem faltando braço
É mulher faltando peito

Já vi muita miséria,
Bem mais do que queria
Todo tipo de castigo
Para toda covardia
Obrigado pela amostra
Você é muito bom guia

Mas acho que já tá bom
Já vi o que tinha de ver
Já vi o fogo do Inferno
Já vi todo miserê
Agora me leve pro céu

Que já tô pra endoidecer
Dante falou: — Acho justo
Eu acho que tá na hora
Vamos tomar outro rumo,
Daqui vamo-nos embora
Vamos ver almas boas,
Na terra de Nossa Senhora

Subimos dez mil andares
Num veloz elevador
Para ir de lá ao céu
Quatro horas se gastou
Mas eu estava feliz
Tinha acabado o horror

Quando o elevador parou
E a porta se abriu
Eu fiquei admirado
Com a cena que surgiu,
Não tinha nenhum anjinho,
Cadernos pra mais de mil

Havia uma sala enorme
Com uma mesa no fundo
Muitos livros nas estantes
Com todos os nomes do mundo
De pessoas que viviam
Do rei ao vagabundo

Ao fundo havia uma mesa
Com uma mocinha atrás
Acima, uma bandeira
Escrito: “Amor e Paz”,
De uma porta do lado

Surgiu um esbelto rapaz
Ele disse: — Boa tarde
O meu nome é Gabriel
Sou um Anjo do Senhor,
Amigo de Rafael
E estou encarregado
De mostrar-lhes todo o céu

Eu estava admirado,
A sala era acarpetada,
Com muitos sofás macios
Toda bem iluminada
Sem haver uma só lâmpada
Sem janela e nem nada

Gabriel adivinhou
A minha admiração
Disse: — Aqui é tudo luz
Do teto até o chão
A claridade é natural
Como é a escuridão

Aqui não há o Nada,
Tudo aqui é positivo,
É vibrante, é energético,
É bom, é lindo, é ativo,
A morte aqui não existe
Tudo é Amor, tudo é vivo

Mas queiram me acompanhar
O aerobus nos espera
Vou mostrar-lhes o “paraíso”
Conhecerão nossa esfera
As inúmeras moradas

Desta palpável quimera
O aerobus era um carro
Que flutuava no ar
Dirigido a pensamento
Era só você pensar
Para onde queria ir
E ele se punha a andar

Que construções magníficas
Tivemos a graça de ver!
Edifícios se sucediam
De a conta se perder
Mansões para todo lado
Todas com o seu porquê

Gabriel nos explicava
Para que os prédios servissem
Grandes homens do passado
Ali se reuniam
De todas as fés e crenças
E idéias discutiam

O que mais me impressionava
Naquilo tudo que eu via
É que anjo de camisola
Na verdade não existia
Nem tampouco com asinhas,
Nem harpa por ali tinha

As almas que ali havia
Trajavam-se muito bem
Os homens com elegância
E as mulheres também
Com jóias e com pinturas

Ali não havia ninguém
Todos trajavam branco
Como as nuvens, a clarear
O ambiente já lindo,
Impossível se negar
Que ali realmente era o céu
Ou como queira chamar

Por cima dos edifícios
O aerobus flutuava
E de lá de cima Gabriel
Pacientemente explicava
Que nada ali se perdia
Tudo se aproveitava

Os prédios abrigavam
Os maiores humanistas
Que elevaram a Humanidade
Gênios, sábios artistas
Os que foram religiosos
Católicos, Islâmicos, Budistas

Pois que lá não havia
Mil e uma religiões
Agora só havia o interesse
De fazer com que milhões
De religiosos da Terra
Fortalecessem uniões

Religião só há uma
Como um único Deus
Contradições são bobagens
Disputas de fariseus,
Todos somos iguais

Budistas, cristãos, judeus
Estes homens emitiam
Do céu, fluidos vitais
Para alterar as idéias
E mandavam mil sinais
Para convencer os líderes
De que dogmas não há mais

Aterrissamos num parque
Passamos por um jardim
Entramos num edifício
Pra conhecermos, assim
Homens que ali trabalhavam
Numa labuta sem fim

Os gênios, ali, discutiam
As próximas atitudes
Que deveriam tomar
Pra enaltecer as virtudes
Os pontos a incentivar
Discutiam amiúde

Ali estavam, entre outros
Arquimedes e Platão
Gandhi e Rui Barbosa,
O Evangelista João
Que procuravam enaltecer
As virtudes do coração

Estavam por lá Voltaire,
O magnífico francês,
Machado de Assis, Castro Alves
Shakespeare, o inglês,
Kennedy e Abraham Lincoln

O presidente-camponês
Todos se preocupavam
Com o mundo, de forma geral
Sem dar privilégios à França
Inglaterra ou Portugal
Progredir toda a Terra
Era o objetivo final

Gabriel me falou:
— Esta é só uma sala
Deste imenso complexo
Dividido em mil alas,
Todas com muitos sábios
Sempre a abrilhantá-las

Perguntei a Gabriel
Quem é que dirigia
Toda a organização
Que por ali eu via
Ele disse: — Tinha certeza
Que essa pergunta farias

Em todo o imenso Universo
O Maestro é o Senhor
A Ele tudo obedece
Pois que é o Criador
Dentro das leis da Ciência
Da bondade e do Amor

Mas como todo líder
Tem o seu Ministério
O Pai coloca seus filhos
Maiores no magistério
De ensinar o Amor

Em vários hemisférios
Do Universo Infinito
Para melhor controlar
As várias áreas do mundo
Que tem que administrar
E a Bondade Infinita
Poder assim ensinar

No Hemisfério cristão
Onde a Terra se localiza
É Cristo o mestre maior
Que as graças do pai enfatiza
Lidera a Evolução
E as lutas do Bem organiza

Mas não faz tudo sozinho
O que não lhe falta é ajuda
Tem diversos assistentes:
Maomé, Confúcio, Buda,
Ajudantes permanentes
Nunca sujeitos a muda

Krishna, Lutero, São Paulo,
Kardec, Abraão e Jacó
São outros que nunca deixam
O Mestre a lutar só
São Francisco de Assis
Amenhotep, o faraó

Cada um em sua área
Cada qual em seu setor
Todos ligados a Deus
Pelos laços de amor
Com o mesmo objetivo

De acabar com a Dor
Que assola o universo
Pela falta de fê
Dos que habitam os mundos
Pois cada um só quer
Resolver os seus problemas
Ganhar dinheiro e mulher

E a fê, assim, vai caindo
Ninguém acredita em nada
Os Mestres já esquecidos
Na poeira da estrada,
Deixando aquelas pessoas
Todas muito preocupadas

Gabriel então falou:
— Vou mostrar o que resta,
Tomamos o aerobus,
Que pra mim era uma festa
Sobrevoamos Campinas,
Bosques, matas, florestas

Tudo ali era lindo
Cascatas, rios e flores
Nada de sofrimentos,
De gemidos e de dores
O ar nos chamava à vida
O som falava de amores

Gabriel nos falou:
— Chega a hora da partida
E o aerobus foi então
Para o portão de saída
Sair da imortalidade

Era uma grande desdita
Mas como diz o ditado:
Tudo que é bom dura pouco,
Se do inferno eu saí
Fedendo e já quase louco
Do céu não queria sair
Mais, este pobre caboclo

Antes já de sair
Me atacava a saudade
Das coisas que ali deixava
E por minha pouca idade
Muito terei que esperar
Pra voltar àquela cidade

Gabriel, na despedida,
Visivelmente emocionado
Disse que foi um prazer
Ter ali um encarnado
O último fora Dante,
Há muito tempo passado

Perguntei a Gabriel:
— Quando acaba a luta
Eterna de Bem e Mal,
Esta nefanda disputa
Que abala-me o juízo
E meu coração enluta?

Ele então me respondeu:
— Não sei se um dia termina,
Do Homem é que depende
E não da Vontade Divina,
Devido ao livre arbítrio

O homem faz sua sina
Se escolhe o mal,
É assim que preferiu
Destrói não a si mesmo
Mas a todos que iludiu
Angariando seguidores
Pobre de quem ouviu

Assim o mal prolifera
Mas cada dia um pouco menos
Os tempos hoje são outros
Mais calmos mais amenos
O mal por si se destrói
Cada vez mais chances temos

Mas saiba, está programada
Uma grande seleção
Recolheremos da Terra
Assassino, ateu, ladrão
Isso tudo já previa
No Apocalipse, João

O que todos pensarão
Ser o juízo final
Será o primeiro juízo
Para extirpar o mal
Da face de toda a Terra
Limpá-la do pantanal

Na qual se transformou
Por culpa só dos homens
Que só querem enricar,
Encher os abdomens,
Devorar os semelhantes

Qual avaros lobisomens,
Agora adeus, meus amigos
É hora de voltar
Vão com as nossas bênçãos
A Verdade divulgar
Contem tudo que viram
A quem lhes perguntar

Tirei um pulo da cama
O Sol já estava alto
Suava como um cuzcuz
Foi grande o sobressalto,
Joguei a coberta pra lá
Assustado como um pato

Dante não estava ali
Gabriel também não
Sumiu o cheiro de flores
Sumiu o fedor do cão
Não pisava mais nas nuvens
Pisava agora no chão

Mas que sonho invocado
Aquela noite achei de ter!
Vade retro, Satanás,
Ouça o que vou dizer
Sonho desse nunca mais,
Nem desejo a você

Lavei o rosto e voltei
Para a cama arrumar
Foi quando vi um papel
Que antes não estava lá
Peguei o papel e li,

O que dizia vou contar
“Irmão, que era descrente,
Leve a missão avante,
Divulgue o ocorrido
A doutor e mendicante
Que muito agradecerá
O seu amigo Dante”

Leitor, acredite ou não
Esta história é verdadeira
Não falei uma mentira,
Não falei uma besteira,
Comigo a coisa é séria
Não gosto de brincadeira

Não sei se você gostou
Mas eu gostei de escrever
Este cordel fantástico
Que você acabou de ler,
Se gostou, a você, obrigado
Se não, obrigado a você

Concerto para Prego e Martelo (1984-1994)

Este é o 56º livro publicado pelo selo alternativo

Pórtico Edições

Salvador - Bahia